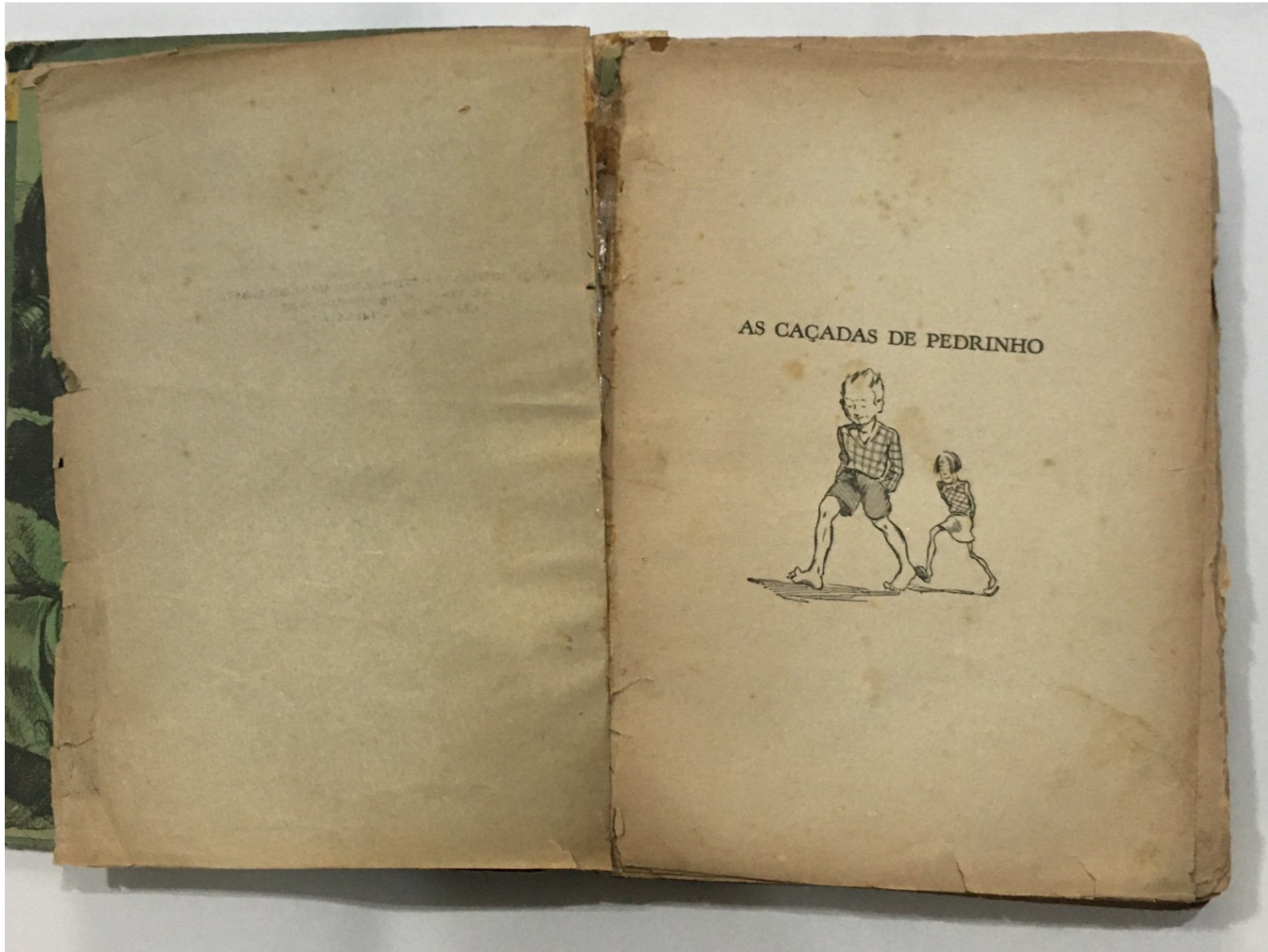




ONTEIRO LOBATO

çadas de Pedrinho





AS CAÇADAS DE PEDRINHO





BIBLIOTECA
PEDAGÓGICA
BRASILEIRA

Sob a direção de Fernando de Azevedo
Serie I — LITERATURA INFANTIL

VOLUMES PUBLICADOS:

(Cartonados)

- | | |
|--|---------|
| I — REINAÇÕES DE NARIZINHO — por Monteiro Lobato | 6\$000 |
| II — ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS — por Lewis Carroll — Tradução de Monteiro Lobato | 5\$000 |
| III — VIAGEM AO CÉU — por Monteiro Lobato | 5\$000 |
| IV — O SACY — por Monteiro Lobato | 5\$000 |
| V — AVENTURAS DE HANS STADEN — por Monteiro Lobato | 5\$000 |
| VI — CONTOS DE ANDERSEN — Tradução de Monteiro Lobato | 5\$000 |
| VII — CONTOS DE GRIMM — Tradução de Monteiro Lobato | 5\$000 |
| VIII — ALICE NO PAÍS DO ESPELHO — por Lewis Carroll — Tradução de Monteiro Lobato | 5\$000 |
| IX — AS CAÇADAS DE PEDRINHO — por Monteiro Lobato | 6\$000 |
| X — A HISTORIA DO MUNDO PARA CRIANÇAS — por Monteiro Lobato | 10\$000 |
| XI — NOVAS REINAÇÕES DE NARIZINHO — por Monteiro Lobato | 6\$000 |
| XII — AVENTURAS DO BARÃO DE MÜNCHHAUSEN — por G. A. Bürger | 5\$000 |
| XIII — PINOCCHIO — por C. Collodi — Tradução revista por Monteiro Lobato | 7\$000 |

BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA
Serie I LITERATURA INFANTIL Vol. IX

MONTEIRO LOBATO

AS CAÇADAS DE PEDRINHO



Ilustrações de JEAN G. VILLIN

I 9 3 3

CIA. EDITORA NACIONAL - R. GUSMÕES, 26-28-30 - S. PAULO



AS CAÇADAS DE PEDRINHO

contem os seguintes capitulos:

<i>Capitulo I</i> — E era onça mesmo	7
<i>Capitulo II</i> — A volta para casa	21
<i>Capitulo III</i> — Os habitantes da mata se assustam	27
<i>Capitulo IV</i> — Os espiões da Emilia	33
<i>Capitulo V</i> — A defesa estrategica	39
<i>Capitulo VI</i> — Aparece uma nova menina	49
<i>Capitulo VII</i> — O assalto das onças	55
<i>Capitulo VIII</i> — Os negocios da Emilia	65
<i>Capitulo IX</i> — Emilia vende o rinoceronte	77
<i>Capitulo X</i> — O Rio de Janeiro é avisado	89
<i>Capitulo XI</i> — Inaugura-se a linha	97
<i>Capitulo XII</i> — Rinoceronte familiar	109

Capitulo I

E ERA ONÇA MESMO!

Capitulo I
DOS moradores do sitio de dona Benta o mais an-
dejo era o marquês de Rabicó. Conhecia todas
as florestas, inclusive o capoeirão dos taquarussús,
mato muito cerrado onde dona Benta não consentia



que seus netos fossem passear. Certo dia em que Rabicó
se aventurou nesse mato em procura dos cogumelos
que crescem nos paus podres, parece que as coisas
não lhe correram muito bem, pois voltou na volada.

— Que aconteceu? perguntou Pedrinho, ao vê-lo chegar, todo arrepiado e com os olhos cheios de susto. Está com cara de marquês que viu onça...

— Não vi, mas quasi vi, respondeu Rabicó tomando folego. Ouvi um miado suspeito e dei com uns rastos mais suspeitos ainda. Não conheço onça, que dizem ser um gatão assim do tamanho dum bezerro. Ora, o miado que ouvi era de gato, mas muito mais forte, e os rastos também eram de gato, mas muito maiores. Logo, era onça!

Pedrinho refletiu sobre o caso e achou que bem podia ser verdade. Correu em procura de Narizinho.

— Sabe? disse-lhe ele. Rabicó descobriu que anda uma onça no capoeirão dos taquarussús!...

— Uma onça!... Não me diga! Vou já avisar vóvó...

— Não cáia nessa, advertiu o menino. Medrosa como é, vóvó ou morre de medo ou trata de nos levar incontinenti para a cidade. Muito melhor ficarmos quietos e caçarmos a bicha.

A menina arregalou os olhos.

— Está louco, Pedrinho? Não sabe que onça é um bicho feroz que come gente?

— Sei, sim, como também sei que gente mata onça.

— Isso é gente grande, bobo!

— Gente grande!... repetiu o menino com ar de pouco caso. Vóvó e tia Nastacia são gente grande e no entanto correm até de barata. O que vale não é ser gente grande e sim ser gente de coragem, e eu...

— Bem sei que você é valente como as armas, Pedrinho, mas olhe que onça é onça, hein? Com um tapa derruba qualquer caçador, diz Nastacia.

O menino bateu no peito com arrogancia.

— Pois quero ver isso! Vou organizar a caçada e juro que hei de trazer essa onça cá para o terreiro, arrastada pelas orelhas. Se você e os outros não tiverem coragem de ir comigo, irei sozinho.

A menina arrepiou-se de entusiasmo diante de tamanha bravura e não quis ficar atrás.



— Pois vou também! gritou. Uma menina de nariz arrebitado não tem medo de coisa nenhuma. Vamos convidar os outros.

Saíram os dois em busca dos demais companheiros. O primeiro encontrado foi o mar-

quês de Rabicó, que estava na porta da cozinha ocupadíssimo em devorar umas cascas de abobora.

— Apronte-se, Marquês, para tomar parte na expedição que vái caçar a onça que você descobriu na mata.

Aquela noticia fez o leitão engasgar com o naco de abobora que tinha na boca.

— Caçar a onça? Eu? Deus me livre!...

Pedrinho impôs energicamente:

— Vái, sim, ainda que seja para servir de isca á féra, está ouvindo, sêo covarde?

Rabicó tremia que nem gelea fóra do cálice.

— Um fidalgo! prosseguiu Pedrinho em tom de desprezo. Um filho do nobilíssimo visconde de Sabugosa a tremer assim! Que vergonha!...



Rabicó não replicou. Bebeu um gole d'agua para acalmar os nervos e voltou às suas cascas de abobora com esta idéa na cabeça: “Hei de dar um geito qualquer. Não tem perigo de deixar-me comer crú pela onça”.

O luxo dos leitões é serem comidos assados ao forno, com rodelas de limão em redor e um ovo cozido na boca.

O segundo convidado foi o visconde de Sabugosa, o qual aceitou a proposta com aquela dignidade e nobreza que marcavam todos os seus atos de fidalgo dos legítimos. Iria, para vencer ou morrer. Viscondes da sua marca mostram o que valem justamente nos momentos perigosos.

Depois convidaram a Emilia, que recebeu a idéa com palmas.

— Ora graças! exclamou ela. Vamos ter afinal

uma aventura importante. A vida aqui no sitio anda tão vazia que até me sinto embolorar por dentro. Irei, sim, e juro que quem vái matar a onça sou eu...

Esse dia e o outro foram passados em preparativos. Pedrinho levaria uma espingarda que ele mesmo tinha fabricado ás escondidas de dona Benta, espingarda de cano de guarda-chuva com gatilho puxado a elastico. Estava carregada com a polvora duns pistolões sobrados da ultima festa de S. Pedro.

A arma que Narizinho escolheu foi a faca de cortar pão, instrumento mestiço de faca e serrote.

O visconde recebeu um sabre feito de arco de barril, bastante pontudo, mas danado para entortar. Em vista da sua importancia e do seu titulo, tambem recebeu o comando da expedição.

— E você, Emilia, que arma leva? perguntou Narizinho.

— Levo o espeto de tia Nastacia assar frangos. Tenho mais fé naquele espeto do que nas armas de vocês todos.

Restava o marquês. Como fosse um grande medroso, em vez de arma Pedrinho deu-lhe arreios. Rabicó iria puxando um canhãozinho feito dum velho tubo de chaminé, que o menino havia montado sobre as rodas do seu carrinho de cabrito. Para carregar o canhãozinho foi necessario empregar a polvora de tres pistolões. Servia de bala uma pedra bem redondinha, encontrada no pedregulho do rio. Indo atrelado ao canhão, o insigne marquês ficaria impedido de fugir.



No dia marcado tomaram o café com farinha de milho da manhã e saíram na pontinha dos pés, para que as duas velhas nada percebessem. Transpuseram a porteira do pasto, atravessaram a mata dos tucanos vermelhos e de lá seguiram, rumo ao capoeirão da onça.

Rabicó não havia mentido. Os rastos da onça estavam impressos na terra humida. Ao fazerem tal descoberta o coração dos cinco herois bateu mais apressado. Dos cinco, não; dos quatro, porque, como todos sabem, Emilia não tinha coração.

— Que é isso, Pedrinho? disse a boneca notando-lhe a palidez. Será medo?...

— Não é medo, não, Emilia. E'...

— E'... receio, eu sei, caçoou a terrível bonequinha.

O rubor da colera subiu ás faces do menino.

— Não brinque comigo, Emilia! gritou ele. Você e toda a gente sabe que só tenho medo duma coisa neste mundo — maribondo. De mais nada, hein?

O visconde, que havia trazido a tiracolo o binoculo de dona Benta, ajustou-o nos olhos para examinar “detectivamente” os rastos.

— E' de onça, sim, disse ele, e de onça pintada.

— Como sabe? indagou Narizinho.

— Estou vendo no chão dois pelos, um amarelo e outro preto.

Aquela confirmação de que era onça mesmo e das grandes, desanimou profundamente Rabicó. Go-

tas de suor frio começaram a pingar da sua testa.
Teve impetos de soltar-se do canhãozinho e disparar



para casa; só não o fez de medo que Pedrinho despesse no seu lombo a carga de chumbo destinada á onça. E resignou-se ao que dêsse e viesse.

Orientados pelos rastos da onça, os caçadores não tinham que errar. Seguindo-lhes a sua direção fatalmente dariam com a bicha.

— Avante, Saboia! gritou Pedrinho, espichando no ar a espingarda como se fosse espada.

— Avante! repetiram todos os outros, menos Rabicó, que estava sem fala; e com o maior entusiasmo caminharam assim durante meia hora.

Subito, o visconde, que ia na frente, de binoculo apontado, gritou com voz firme:

— A onça!

— Onde? indagaram todos, ansiosos.

— Lá longe, naquela moita — lá, lá...

Realmente alguma coisa se mexia na moita apontada e não tardou que uma enorme cara de onça se espichasse por entre as folhas, espiando para o lado dos cinco herois.

Pedrinho dispôs tudo para o ataque. Assestou na direção da moita o canhãozinho e ordenou ao artilheiro Rabicó, enquanto o desatrelava:

— Fique nesta posição. Quando ouvir a voz de "Fogo!", risque um fosforo, acenda a mécha e dispare.

— Disparo para casa? perguntou o artilheiro mais tremulo do que uma fatia de manjar branco.

— Dispare o canhão, idiota! berrou Pedrinho.

Enquanto isso, a onça deixava a moita e, com o andar manhoso dos gatos, dirigia-se, agachada, para

o lado deles. Era o momento. O visconde ergueu a espada e com voz grossa de comandante superior deu o berro de comando:

— Fogo!

Rabicó, todo treme-treme, não conseguiu nem riscar o fosforo. Foi preciso que Pedrinho viesse ajuda-lo. Por fim riscou e deitou fogo á mécha. Ouviu-se um chiadozinho e logo depois um tiro soou —



Pum! Mas um tiro chôcho, que não valeu nada. A bala de pedra rolou a dois metros de distancia, imaginem! Havia falhado a artilharia, na qual eles tinham tantas esperanças.

Pedrinho então disparou a sua espingardinha. Outro tiro chôcho que nada valeu e só serviu para irritar a féra. Viram-na arreganhar os dentes e apressar a marcha na direção dos atacantes.

A situação tornava-se muito séria e Pedrinho,

desapontado com o nenhum efeito das armas de fogo, berrou a plenos pulmões:

— Salve-se quem puder!

Foi uma debandada. Cada qual tratou de si, e, como se houvessem virado macacos, todos procuraram a salvação nas arvores. Felizmente havia bem ali um pé de grumichama brava, que podia abrigar ao grupo inteiro. Nele treparam, sem dificuldade, Pedrinho, Narizinho e Emilia. Já o velho visconde embaraçou as pernas na bainha da espada e com toda a sua importancia estendeu-se no chão ao comprido. Foi preciso que o menino o pescasse com um galho seco, de ganchó.

Rabicó fez coisa de que ninguem nunca o julgou capaz: botou-se á arvore que nem gato e conseguiu enganchar-se na forquilha do primeiro tronco. Pedrinho e Narizinho, que estavam no galho acima, puderam agarrá-lo pela orelha e içá-lo fóra do alcance da onça. Quando a féra chegou estavam já todos muito bem empoleirados e livres dos seus bótes.



A onça ficou desapontadíssima e ali permaneceu, sentada sobre as patas de trás, com os olhos fixos nos caçadores que a tinham logrado. Parece que sua intenção era ficar ali de guarda até que descessem. Mas Pedrinho teve uma idéia.





— Espere que te curo, disse ele, lembrando-se que ainda trazia no bolso um pouco da polvora dos pistolões. Tomou um punhado e, ageitando-se no galho que ficava bem a prumo sobre a onça, derramou a polvora em cima dos olhos dela.

A idéa valeu. Completamente cega pela polvora a onça pôs-se a corcovear que nem doida, enquanto esfregava os olhos com as munhecas, como se quisesse arranca-los.

— E' hora! Avança, macacada! gritou Pedrinho escorregando da arvore abaixo.



Todos o imitaram, apanharam as armas e se arrojaram contra a féra com verdadeira furia. Narizinho esfregava-lhe a faca no lombo como se a onça fosse de pão e ela quisesse tirar uma fatia. O visconde conseguiu, depois de varias tentativas, enterra

lhe no peito o seu sabre de arco de barril. Emilia fez o mesmo com o espeto de assar frangos. Pedrinho malhava-lhe no cranio com a coronha da sua espingardinha. Até Rabicó perdeu o medo e depois de carregar de novo o canhão deu-lhe um bom tiro á queima-roupa.

Assim atacada de todos os lados, a onça céga não teve remedio senão morrer. Estrebuchou e foi morrendo. Quando deu o ultimo suspiro Pedrinho, com o maior entusiasmo da sua vida, entoou um canto de guerra:

— Ale guá, guá, guá...

E todos responderam um côro:

— Hurrah! Hurrah!...

Capitulo II

A VOLTA PARA CASA

FOI um delirio de contentamento. Os caçadores rodearam a onça morta, comentando as peripecias da formidavel aventura. Emilia reclamou logo todas as glorias para si.

— Se não fosse a minha espetada com o espeto de assar frango, queria ver...

— O que decidiu de tudo foram as facadas que eu dei, alegou Narizinho.

— Qual nada! Juro que foi o meu tiro de canhão, disse Rabicó.

— Pichote! berrou Pedrinho. A bala de canhão nem arranhou a pele da onça, não está vendo?

Como daquela disputa pudesse saír briga, o visconde ponderou gravemente:

— Todos ajudaram a matar a onça e todos merecem louvores. Mas se não fosse a polvora de Pedrinho, estaríamos perdidos, de maneira que a Pedrinho cabe a melhor parte da vitoria. Depois de céga a onça, tudo estava mais facil e cada qual fez o que

pôde. Basta de discussões. Em vez disso, tratemos
mas é de leva-la para casa.

Os herois concordaram com o sensatissimo vis-
conde e Pedrinho afundou no mato para tirar cipós,
visto não haverem trazido corda. Logo depois re-
apareceu com um rolo de cipó ao hombro.

— Segure aqui! Puxe lá! Força! Vamos!...

Pedrinho conduziu o trabalho da amarração da
onça ajudado por todos, menos a Emilia, que se afas-
tara dali e estava numa prosa de cochichos com dois
besouros que tinham vindo assistir á cena. Bem
amarrada que foi a onça, restava conduzi-la até á
casa. Foi o que mais custou. Em certo ponto do ca-
minho Rabicó, que suava em bicas, parou para tomar
folego e disse:

— Francamente, prefiro matar dez onças a puxar
uma só! Estou que não posso mais...

Pararam todos para um bem merecido descanso,
e sentaram-se em cima do pêlo macio da féra morta.
Vendo que o sol já ia alto, Narizinho disse:

— Pobre vóvó! Passa bem maus momentos por
nossa causa. A estas horas está por lá aflitissima, a
procurar-nos por toda a parte...

— Mas vái ficar consolada vendo a bichona que
matamos, disse Pedrinho.

— Que matamos, uma óva! pensou lá consigo
Rabicó. Que eu matei com o meu tiro de canhão,
isso sim.

Pensou apenas. Não teve coragem de o dizer
em voz alta, de medo do pontapé que Pedrinho fatal-
mente lhe pregaria.

X Descansados que foram, prosseguiram na caminhada. Duas horas depois avistavam a casa, e viram dona Benta e tia Nastacia, muito aflitas, procurando por eles no pomar. Pedrinho pôs na boca dois dedos e desferiu um celebre assobrio que só ele sabia dar. As velhas voltaram-se na direção do assobio e tia Nastacia, que tinha melhor vista, enxergou-os logo.

— Lá vêm vindo eles, sinhá! e vêm puxando uma coisa exquisita... Quer ver que caçaram alguma paca?

Aproximaram-se os herois. Penetraram no terreiro. Narizinho de longe gritou:

— Adivinhe, vóvó, o que matamos!

Dona Benta respondeu:

— Uns danadinhos como vocês são bem capazes de terem matado alguma paca...

A menina deu uma risada gostosa.

— Qual paca, nem pera paca! Suba, vóvó!

— Então algum veado, lembrou a velha começando a arregalar os olhos.

— Suba, vóvó!

— Porco do mato, será possível?...

— Suba, suba!

Dona Benta principiou a abrir a boca.

— Então foi capivara, disse.

— Vá subindo, vóvó!

A boa senhora não sabia como subir além duma capivara, que era o maior animal existente por ali. Narizinho, então, chegou-se para ela e disse, fazendo uma careta de apavorar:

— Uma onça, vóvó!



J. G. WILSON

O susto de dona Benta foi o maior da sua vida — tão grande que caiu sentada, com sufocação, exclamando:

— Nossa Senhora da Aparecida! Esta criança da ainda me deixa louca...

Mais corajosa, a negra aproximou-se, viu que era onça mesmo e abriu uma boca deste tamanho.

— O mundo está perdido, sinhá, murmurou ela de mãos postas. E' onça mesmo...

Capitulo III

OS HABITANTES DA MATA SE ASSUSTAM

AS cenas da caçada da onça haviam sido presenciadas por varios animaizinhos selvagens, entre os quais um intrometidissimo saguí. Ficou tão admirado da proeza dos meninos que levou longo tempo a piscar muito depressa — sinal de que estava pensando alguma idéa de saguí. Por fim resolveu-se e, pulando de galho em galho, foi em busca duma capivara, que morava perto, na beira do rio.

— Sabe, capivara, o que aconteceu á onça da Tóca Fria? Morreu... disse o saguí com uma carinha muito assustada.

— Morreu de quê, saguí? indagou a capivara. De morte morrida ou de morte matada?

— De morte matadissima, respondeu o saguí. Os meninos do sitio de dona Benta mataram-na a tiros e facadas e espetadas, e depois arrastaram-na por meio de cipós.

E contou por miudo toda a cena a que havia assistido. A capivara abriu a boca. Era aquela onça o terror de todos os bichos das redondezas, graças á sua força e ferocidade. Por varias vezes os caçadores

das terras vizinhas haviam organizado batidas afim de dar cabo dela, sem nenhum resultado. A onça escapava sempre. Como, então, fôra vitima dos netos de dona Benta, simples crianças? Era espantoso, não havia duvida. E se essas crianças haviam matado a onça, que dominava toda a mata, com muito maior facilidade matariam a qualquer outro filho das selvas, fosse veado, paca, tatú ou mesmo capivara.

— A situação é bastante grave, disse por fim o animalão, depois de muito pensar e repensar. Vejo que esses meninos constituem um grande perigo para todos nós. Vou convocar uma assembléa de todos os bichos, na qual o caso seja discutido e providencias sejam tomadas para a nossa segurança.

La passando pelo céu azul um gavião perseguido por dois bentevis. A capivara chamou-os.

— Parem com essa briga, disse ela, e venham ouvir o que tenho a dizer. A situação de todos os viventes da floresta é muito grave.

Quando a vida dos animais selvagens se vê ameaçada de perigo geral, as velhas rivalidades cessam. A jaguatirica deixa de perseguir as lebres. A lontra esquece a fome e póde até conversar em muito bons termos com os peixes de que se alimenta. O cachorro do mato passa perto do porco-espinho sem que este erice as agulhas. Assim, ao ouvirem as palavras da capivara, tanto o gavião como os bentevis esqueceram a briga e vieram sentar-se deante dela, um ao lado do outro, como se nada tivesse havido entre eles.

— Os meninos de dona Benta mataram a onça da Tóca Fria, começou a capivara. Ora, se mataram

a onça, que era a rainha da floresta, o mesmo farão, com a maior facilidade, a qualquer outro animal menos forte do que a onça. Estamos pois com as nossas vidas ameaçadas de grande perigo e temos de tomar providencias. Por isso quero convocar uma reunião de todos os animais. Vocês, que voam, sejam meus mensageiros. Voem sobre a mata e avisem a todos para que estejam aqui reunidos amanhã á noite, debaixo da Figueira Brava.

O gavião e os bentevis obedeceram. Voaram de arvore em arvore dando uns pios que significavam reunião geral na Figueira Brava, no dia seguinte.

Essa figueira parecia ter mil anos de idade. Era a maior arvore da zona. Em seu tronco o tempo abrira um enorme ôco, no qual dez homens poderiam abrigar-se perfeitamente. Herva nenhuma crescia debaixo dela, porque as hervas não crescem onde não bate sol e ali havia seculos que não batia um raio de sol.

No dia seguinte á tarde os animais foram-se chegando. Vieram as pacas, tão medrosinhas; vieram os veados ariscos; as antas pesadonas; os coatis sempre alegres e brincalhões; os cachorros do mato e as iráras de olhar duro; as jaguatiricás de movimentos macios. Vieram os tatús encapotados em suas cascas rijas; as lontras embrulhadas em suas capas de pele macia como o veludo; as preás assustadinhas. Tambem vieram cobras — as giboias enormes que engolem um bezerro taludo; as cascaveis de guizos na ponta da cauda; as lindas corais vermelhas; as mussuranas que se alimentam de cobras venenosas

sem que nada lhes aconteça. E sapos — desde o sapo ferreiro, cujo coaxo lembra marteladas em bigorna, até a pequenina pereréca, que vive pererecando pelo mundo. E aves, desde o negro urubú fedorento, até essa joia de asas que se chama beija-flor. E ainda insetos — borboletas de todos os desenhos e côres, besouros de todas as cascas, serrapaus de todas as serras, além de joaninhas e louvadeuses e carrapatos...

Os macacos empoleiraram-se nos galhos da figueira e no rebordo inferior do ôco. Enquanto esperavam, divertiam-se fazendo cabriolas das mais complicadas, e caretas.

Logo que os viu reunidos, a capivara tomou a palavra e expôs a situação perigosa em que se achavam todos.

— Quem faz um cesto faz um cento, concluiu ela. O fato de terem matado a onça vái encher esses

meninos de coragem e faze-los repetir suas entradas nesta floresta afim de nos caçar a todos. O caso é bastante sério.

— Peço a palavra! gritou um bugio, que

estava de cabeça para baixo, seguro pelo rabo no seu galho. Acho que o melhor meio de vocês escaparem á



fúria desses meninos é fazerem como nós macacos fazemos: morar em árvore. Quem mora em árvore está livre de todos os perigos do chão.

— Imbecil! resmungou a capivara, furiosa de tamanha asneira. Não é atôa que os macacos se parecem tanto com os homens. Só dizem bobagens. Esta reunião foi convocada para discutir-se a sério, visto que o caso é muito sério. Quem tiver uma idéia mais decente que a deste idiota pendurado, que tome a palavra e fale.

Um jaboti adeantou-se e disse:

— O meio que vejo é mudarmo-nos para outras terras.

— Que terras? replicou a capivara. Não há mais terras habitáveis neste país. Os homens andam a destruir todas as matas, a queima-las, a reduzi-las a pastagens para bois e vacas. No meu tempo de menina podíamos caminhar cem dias e cem noites sem ver o fim da floresta. Hoje, quem caminha dois dias para qualquer lado que seja dá com o fim da mata. Os homens estragaram este país. A idéia do jaboti não vale grande coisa. Impossível mudarmo-nos, porque não temos para onde nos mudarmos.

— Amor com amor se paga, disse uma jaguatirica. Matando a nossa rainha esses meninos nos declararam guerra. Paguemos na mesma moeda. Declaremos guerra a eles. Reunamos todos os animais de dentes agudos e garras afiadas para um assalto geral ao sítio de dona Benta.

A capivara ficou pensativa. Isso de assaltar um

sítio era realmente coisa que só onças e jaguatiricas podiam fazer, pois que são animais guerreiros.

— Sim, disse a capivara, a idéa não me parece de todo má, mas semelhante guerra só poderá ser feita por vocês, onças, ajudadas pelos cachorros do mato e iráras. Eu, por exemplo, e também as pacas e veados e lontras e borboletas e serrapaus e carrapatos, não entendemos nada de guerra.

— Pois fique a guerra a nosso cargo, disse a jaguatirica. Encarregar-me-ei de reunir todas as onças e jaguatiricas e cachorros do mato e iráras da floresta para um ataque ao sítio de dona Benta. Havemos de vencer áqueles meninos e comer a todos da casa — inclusive as duas velhas.

A assembléa aprovou a lembrança. Muito bem, pensaram os animais. As onças fariam a guerra. Se vencessem, a bicharia inveira das selvas estaria salva de novas incursões dos meninos. Se não vencessem, a vingança deles iria recaír sobre as onças, não sobre os outros. Otimo!

— Está aprovada a idéa, disse a capivara. A senhora jaguatirica encarregar-se-á de falar com as suas companheiras, com as onças grandes, as iráras e cachorros do mato, combinando os planos estrategicos da melhor maneira. E nós, animais pacificos comedores de hervas, ficaremos de lado, ajudando os guerreiros com as nossas "torcidas".

A assembléa dissolveu-se. Cada qual foi para a sua tóca, e a jaguaritinga disparou em procura das companheiras afim de combinar os meios de conduzir a guerra.



Capitulo IV

OS ESPIÕES DA EMILIA

E NTRE os animais da floresta que iam fazer a guerra ao sitio de dona Benta havia traídores. Eram os espiões da Emilia. A terrivel bonequinha fizera amizade com um casal de besouros casacudos, muito santarrões, que viviam fingindo estar a dormir mas que não perdiam nada do que se passava na floresta. Durante a reunião dos animais tambem eles estiveram presentes, vendo e ouvindo tudo lá do seu cantinho. Em seguida foram dar parte do acontecido á boneca.

— Eles vão atacar a casa e comer toda a gente do sitio, disse o besouro com voz cautelosa.

— Eles quem? indagou Emilia.

— As onças, as iráras e os cachorros do mato.

— *Elas*, então, disse Emilia, que se implicava muito com a regra de gramatica que manda pôr o pronome no masculino quando ha diversos sujeitos de sexos diferentes. *Elas* vão atacar o sitio, não é? Pois que venham. Serão muito bem recebidas. Tenho lá um espeto danado para espetar onça, irára, jaguatirica e cachorro.

Mas os besouros contaram minuciosamente tudo quanto tinham ouvido na assembléa da capivara e a boneca viu que o caso não era de brincadeiras. Resolveu lá consigo ir incontinenti avisar Pedrinho; mas para não dar a perceber os seus receios fez-se de valentona.

— Veremos, disse ela aos besouros admirados daquele sangue frio. Veremos! Nós matamos ha pouco uma onça pintada, a maior que existia por aqui, e faremos a mesma coisa até para leões e hipopotamos, se apparecerem. A bicharia ha de convencer-se de que conosco ninguem brinca. Atacar o sitio! Desaforados... E para quando é o tal ataque?



— O dia ainda não está marcado. A jaguati-rica anda a correr a mata para reunir todos os atacantes.

— Muito bem, concluiu Emilia sem pestanejar. Continue espionando e avisando-me de tudo quanto souber. Vou contar tudo a Pedrinho. Até logo!

Emilia voltou para casa na carreira e já de longe foi gritando por Pedrinho. Encontrou-o na varanda, a fazer uma arapuca de talos de folhas de embauva para apanhar rolinhas.

Largue disso, gritou Emilia ao subir a escada. Temos novidade para breve. O sitio vái ser assaltado pelas onças, cachorros do mato e iráras.



O menino olhou para ela com os olhos arregalados.

— Que bobagem está você dizendo, Emilia? Assaltado, por que? Como?

A boneca desfiou toda a conversa tida com os besouros e concluiu assim:

— Temos guerra, é isso. Matamos a onça e agora a onçada toda quer retribuir a gentileza.

Pedrinho refletiu por alguns instantes. Depois recomendou:

— Não diga nada a vóvó, nem a tia Nastacia, pois são capazes de morrer de medo. Vou estudar o caso e organizar a defesa. Vá depressa ver Narizinho e o visconde. Diga-lhes que me esperem no pomar, debaixo da jaboticabeira grande. Aqui na varanda não poderemos tratar disso. Vovó descobriria tudo.

Minutos depois realizava-se debaixo da jaboticabeira grande uma segunda assembléa, menos numerosa que a dos bichos. Compareceram todos, inclusive o marquês de Rabicó. Pedrinho pediu á boneca que repetisse a sua conversa com os besouros espiões. Emilia repetiu, terminando assim:

— E' guerra e das boas. Não vái escapar ninguém — nem tia Nastacia, que tem carne preta. As onças estão preparando as goélas para devorar todos os bipedes do sitio, exceto os de pena.

O marquês de Rabicó sorriu. Se as onças iam devorar todos os bipedes, ele, na sua nobre qualidade de quadrupede, estaria fóra da matança. Que felicidade ser quadrupede! pensou lá consigo.

Pedrinho começou a estudar a defesa.

— Sabem do que mais? disse ele. Vou abrir uma linha de trincheiras em redor da casa.

— Inutil, isso, Pedrinho, objetou a menina. As onças são umas danadas para saltar. Pulam qualquer trincheira.

Pedrinho achou razoavel a observação e refletiu um pouco mais. Depois disse:

— Nesse caso, poderemos rodear a fazenda duma cerca de paus a pique, bem pontudos. Construir uma estacada, como as usavam os indios.

— Impossivel, objetou outra vez Narizinho. Para fazer semelhante estacada teriamos de contratar varios homens para cortar os paus e finca-los — e vóvó desconfiaria e viria a saber de tudo. Com estacada não vái. Temos de descobrir outro caminho.

E voltando-se para o visconde, que ainda não pronunciara uma só palavra:

— Qual a sua opinião, visconde?

Como tivesse corpo de sabugo, o visconde jamais mostrou o menor medo de onça, ou de qualquer outro animal carnívoro. Medo só tinha de vaca, bezerro,

cavalo e outros animais comedores de milho. Assim foi que disse:

— Ataque de onça! Ora, ora... Que valem onças? Se fosse um ataque de vacas, sim, compreendo que estivéssemos assustados. Mas de onças...

— E você, Rabicó, que acha? perguntaram ao marquês.

O marquês nunca achava coisa nenhuma. Sua preocupação única era descobrir coisas de comer. Quando lhe pediam opinião sobre aboboras, xuxús, cascas de banana ou mandioca, sim, ele as dava ótimas. Mas sobre onças...

— Eu acho que... que... que... e engasgou.

— Quequereque... Para achar isso não valia a pena ter aberto a boca, disse Pedrinho. Temos que achar qualquer coisa. Temos que resolver. O caso é dos mais sérios. Nossas vidas correm perigo, bem como as vidas de vóvó e tia Nastacia. Vamos! Venham idéas. Deem tratos á bola e resolvam...

— Tenho uma idéa excelente! gritou Narizinho, batendo palmas.

— Qual é? exclamaram todos, ansiosos, voltando-se para ela.

— E' deixarmos isto para amanhã. As grandes coisas devem ser bem pensadas e não podem ser decididas assim do pé para a mão. A guerra não é para já, pois que a jaguatirica ainda anda a avisar as companheiras. Até que fale com todas e organizem o plano de ataque, se passarão alguns dias. Para agora temos uma coisa excelente a fazer. Uma surpresa...

Disse e ergueu-se, correndo para a margem do

ribeirão onde na vespera tia Nastacia havia escondido qualquer coisa. Todos a seguiram, curiosos.

— Que é, que é, Narizinho? Que surpresa é essa?

Em vez de responder, a menina espalhou um montinho de folhas sêcas que havia junto às pedras do rio e revelou aos olhos do bando um lindo cacho de brejaúvas.

— Viva! Viva! gritou Pedrinho, que se pelava por brejaúvas. Como arranjou isso, Narizinho?

— Foi o Antonio Carapina que nos mandou de presente hontem á noite. Tia Nastacia recebeu o cacho e veio esconde-lo aqui para que não acontecesse como da outra vez, que sujamos de casca a varanda e a calçada.

— E por que não me disse nada?

— Para fazer uma surpresa. Não acha que foi melhor assim?

Sentaram-se todos em redor do cacho de brejaúvas e começaram a partir os côcos sobre uma grande lage que havia ali.

— Ótimas! exclamou o menino comendo com gula a deliciosa polpa branca e macia daqueles côcos no ponto. O Antonio Carapina tem as melhores idéas do mundo. Próve, Emilia, este pedacinho...

Minutos depois estava o chão coberto de cascas, entre as quais o focinho de Rabicó passeava, lambiscando o que podia. Enquanto isso, as onças lá na mata marcavam o ataque ao sitio para o dia seguinte. Felizmente os dois besouros encapotados estiveram presentes á reunião e tudo ouviam dum galhinho seco.

Capitulo V

A DEFESA ESTRATEGICA

ELES mataram a minha esposa, dizia com voz tremula de colera um enorme onço (como dizia a Emilia). Estou viuvo da minha querida onça por ar-



tes daqueles meninos daninhos do sitio de dona Benta. Mata-ram-na e levaram-na de arrasto, amarrada por cipós, até ao terreiro da casinha onde moram. Tiraram-lhe a pele, que, depois de esticada e seca ao sol, está servindo de tapete na varanda. Ora, isto é crime que

pede a mais completa vingança. Guerra, pois, guerra de morte a essa ninhada de malfeitores!

— Guerra! Guerra! exclamaram as jaguatiricas e sussuaranas e cachorros do mato e iráras ali *reunidas* (como queria a Emilia).

O onço agradou-se daquele entusiasmo.

— Combinemos o seguinte, disse elle. Amanhã de manhã cercaremos a casa de modo que ninguém escape. As iráras e cachorros guardarão os flancos e nós, onças, atacaremos pela frente.

— Bravos! Bravos! Assim o faremos! gritaram em côro as feras.

— Assaltaremos a casa, prosseguiu o viuvo, e mataremos todos os seus moradores.

— Sim, mata-los-emos a todos! repetiu o côro.

— E depois os comeremos um por um!

— Sim, sim, come-los-emos a todos um por um! uivou a bicharia com as linguas vermelhas a lambem a beijaria feroz.

A assembléa dissolveu-se, indo cada qual para a sua tóca sem que nenhuma daquelas feras pensasse em caça naquele dia. Estavam a preparar uma fome especial para o banquete de carne humana que iam ter no dia seguinte.

Os besouros espiões tudo ouviram do seu galhinho e lá se foram, a zumbir, dar parte á Emilia dos grandes acontecimentos. A boneca estava ansiosa por eles, visto como não os tinha visto na vespera.

— Então? perguntou Emilia, logo que os dois sonsos entraram na varanda como se fossem besouros atôas, desses que se deixam atrair pela luz dos lampeões.

— E' amanhã, responderam ao mesmo tempo os dois besouros, que eram gemeos e sempre falavam e agiam juntos. As onças acabam de resolver isso

numa reunião havida debaixo da Figueira Brava. Os cachorros do mato e as iráras guardarão os flancos e as onças, guiadas pelo onço viuvo, darão o assalto. Também juraram matar e comer a todos.

Emilia não empalideceu de susto, nem tremeu que nem varas verdes, como aconteceria se ela fosse gente de verdade. Emilia era a mais corajosa boneca que ainda existiu no mundo. Apenas disse:

— Isso de dizer que cerca e assalta e mata e devora é facil. O difficil é cercar, assaltar, matar e devorar realmente. Nós saberemos defender-nos. Que venham as tais onças duma figa!

Os dois besouros não deixaram de admirar-se daquele espantoso sangue frio.

— Mas de que armas vocês dispõem para lutar contra tantas féras raivosas? perguntaram eles gemeamente, isto é, cada um dizendo uma palavra. O modo de conversarem com a boneca era esse. Um dizia as palavras pares e o outro dizia as palavras impares.

— Não sei, respondeu Emilia. Isso é com Pedrinho, o nosso generalissimo. Ele está estudando o assunto — e eu tambem. Não sei ainda o que o general Pedrinho vái fazer, mas sei o que vou fazer. Pensei, pensei e repensei sobre o caso e já tenho cá uma idéa que vale ouro em pó.

— *Qual*, disse o primeiro besouro, *é*, disse o segundo, *essa*, continuou o primeiro, *idéa?* concluiu o segundo.

— Não posso dizer em voz alta, respondeu Emi-

lia. Só ao ouvido — e chegando-se bem pertinho dos besouros gemeos cochichou-lhes ao ouvido a sua idéa, pelo mesmo sistema, isto é, dizendo a palavra par ao numero um e a palavra impar ao numero dois.

Os besouros admiraram-se da esperteza da boneca e partiram — *gunn!* — afim de cumprir as ordens recebidas.

Logo que os viu sumirem-se no espaço, Emilia foi correndo contar a Pedrinho o que acabava de ouvir dos seus espiões de casaca preta.

Pedrinho já havia resolvido o problema da defesa.

— Como não temos armas de fogo para enfrentar as onças, disse ele, lembrei-me do seguinte. Faço uma porção de pernas de páu, bem compridas, um par de pernas para cada morador do sitio, inclusive o marquês e as galinhas. Quando as onças nos atacarem, estaremos sobre essas pernas de páu, bem lá no alto — e quero ver!...

— E se as onças subirem pelas pernas de páu acima? perguntou a menina.

— Impossivel, respondeu ele. Além de serem pernas muito compridas e de bambú, que é liso, ainda serão ensebadas. Cada uma corresponderá a um verdadeiro páu de sebo. Nem macaco será capaz de subir por elas.

Foi considerada ótima a idéa e Pedrinho correu em busca da foice e do serrote. Com a foice cortou, no bambuzal do sitio, meia duzia de compridas varas de bambú, e com o serrote serrou-as do tamanho neces-

sario. Depois, com um formão, abriu furos, nos quais fixou um estribo, isto é, uma travessinha em que um pé pudesse apoiar-se.

Prontas que foram as pernas de páu, tinham de exercitar-se um bocado. Nada mais fácil do que o equilíbrio so-

bre pernas de páu; mesmo assim não dispensa um pouco de prática. Quem começou foi Pedrinho, e como as pernas fossem muito altas, teve de trepar a uma escada para colocar-se sobre elas. Assim fez, dan-



do em seguida umas passadas tontas pelo terreno, até acertar o equilíbrio. Em poucos minutos ficou tão habil naquele pernilonguismo que até parecia ter anos de experiência.

Vendo a facilidade, Narizinho imitou-o. Trepou á escada e ageitou-se sobre o par de pernas que lhe cabia. Também em minutos ficou adestrada a ponto de dar carreirinhas.

×Emilia e o visconde não ficaram atrás. Eram geitosos. Restava Rabicó.

— Vái começar a encrenca! disse Narizinho quando chegou a hora do illustre marquês.

Assim foi, de fato. A dificuldade começou com aquele negocio de Rabicó ter quatro pernas, em vez de duas, como todas as criaturas decentes — os homens, as galinhas, as escadas. Rabicó tinha duas pernas mais que os outros, inutilissimas pernas, porque se uma criatura póde viver muito bem com duas, ter quatro é ter pernas demais.

— Se eu tivesse aqui cloroformio e instrumentos cirurgicos, fazia uma operação em Rabicó, transformando-o em bipede. Não deixa de ser uma vergonha um quadrupede em nosso bando, disse Pedrinho.

Seguramente uma hora foi gasta naquilo de amarrar quatro pernas de páu nas perninhas do leitão e faze-lo equilibrar-se sobre os espéques. Bem que ele esperneou, e gritou, como se o estivessem matando com uma faca de ponta bem pontuda. Atraída pelos seus gritos, tia Nastacia apareceu na porta da cozinha para ver o que era — e quasi desmaiou de susto vendo o bandinho *lá em cima*, pernejando pernilongalmente pelo terreiro.

— Corra, sinhá, gritou ela para dentro. Venha ver o “félomeno” que aconteceu com a criançada. Está tudo pernilongo!...

Dona Benta apareceu á janela e assombrou-se da habilidade com que seus netos corriam e brinca-



vam sobre pernas daquele comprimento, como se tivessem nascido pernaltas.

— Cuidado! exclamou ela. Se um de vocês perde o equilibrio e vem ao chão, esborracha o nariz para o resto da vida. Mas que idéa foi essa, meninos?

Não houve remedio senão explicar-lhe tudo, mesmo porque dona Benta e tia Nastacia tinham tambem de meter-se sobre tais pernas quando as onças viessem.

— As onças vão atacar o sitio amanhã, vóvó, umas cincoenta, disse Pedrinho, e como não temos carabinas com que nos defender, a defesa que achei foi esta.

— Onças? Cincoenta onças? repetiu dona Benta de olho arregaladissimo. Quem contou semelhante coisa?

— Os besouros gemeos da Emilia, vóvó, disse Narizinho. Acabam de nos avisar que as onças, para vingarem a morte da que matamos, organizaram um ataque ao sitio para amanhã.

As duas pobres velhas ficaram na maior aflicção do mundo, como era natural. Com semelhantes travessuras, o terrivel bandinho acabaria dando cabo delas, não havia duvida. Tia Nastacia, de olho arregalado do tamanho de chcaras de chá, até perdeu a fala. Limitava-se a fazer pelo-sinais, um em cima do outro.

— Mas isto não tem proposito, Pedrinho! ralhou dona Benta. Vocês põem-me doida. Onças e logo cin-co-en-ta!... Como irei arranjar-me aqui em baixo, sozinha com tia Nastacia?

— O remedio, vóvó, é a senhora e tia Nastacia meterem-se em pernas de páu também. Olhe, as suas já estão ali prontinhas, feitas sob medida — e as de tia Nastacia são aquelas acolá...

A aflição das duas velhas cresceu ainda alguns pontos. O medo de serem comidas pelas onças se somou ao medo de caírem de cima de tão compridas pernas. Mas que fazer? Ficarem embaixo, sozinhas, era suicidarem-se, porque seriam fatalmente comidas pelas onças.

Dona Benta coçou a cabeça, desanimada.

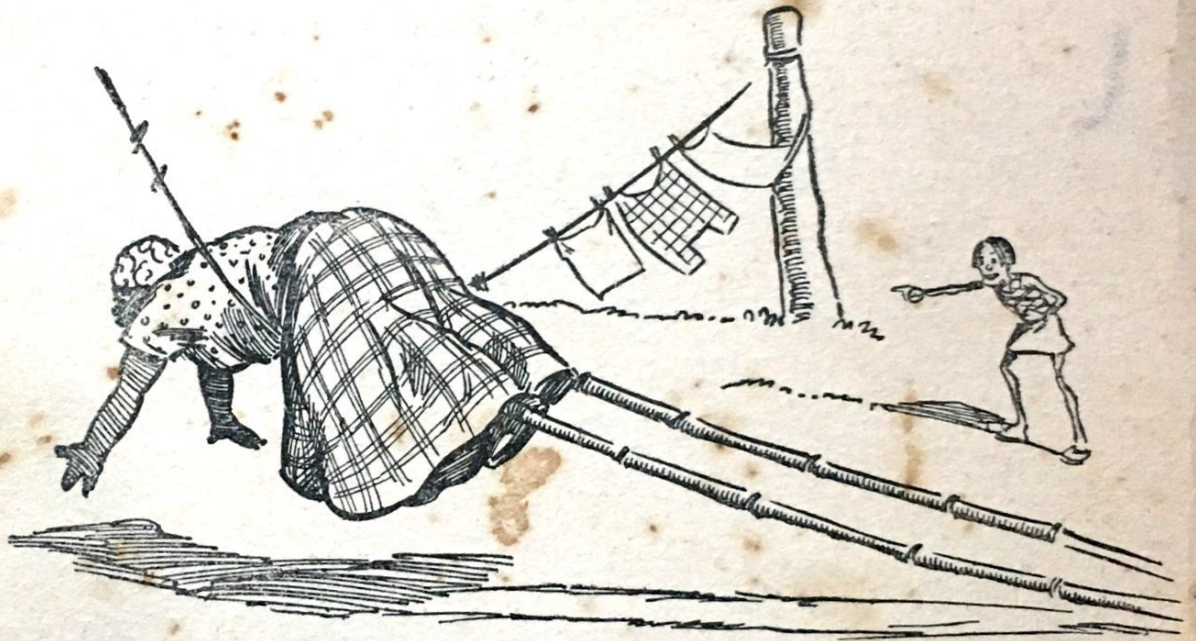
— Inutil procurar outra saída, vóvó, disse Pedrinho. As onças amanhã de manhã estarão aqui para o assalto e ou a senhora se utiliza desta defesa pernil que inventamos, ou deixa-se devorar viva. Escolha...

Não havia escolha possível e, apesar dos seus setenta anos e dos seus varios reumatismos, a pobre da dona Benta teve de trepar na escada e ageitar-se sobre o par de andaimes que Pedrinho lhe destinara.

Custou! Alem de ter os musculos emperrados, a boa senhora era medrosissima. Por varias vezes quis desistir, e só não o fez porque os meninos não cessavam de lembrar que nesse caso seria fatalmente devorada, como a avó da menina da Capinha Vermelha. Afinal aprendeu o equilibrio e poudo dar uns passos muito desageitados pelo terreiro.

— Serve, disse Pedrinho, que dirigia a aprendizagem. Já dá para escapar de onça. Tratemos agora de tia Nastacia.

Aí é que foi a dificuldade. A pobre negra era ainda mais desageitada do que Rabicó e dona Benta somados. Quando, depois de inumeras tentativas, ia-se tentando sobre as pernas de páu, perdeu de subito o equilibrio e veiu ao chão num berro. Felizmente caíu sobre um varal de roupa e não se machucou.



— Não trépo mais nesses andaimes, exclamou ela ainda enganchada no varal. Prefiro que as onças me comam viva. Figa, rabudo!

Mas isso de preferir que as onças nos comam vivos é conversa. Na hora em que onça aparece, até em páu de sebo um aleijado é capaz de subir. A pobre da tia Nastacia ia verifica-lo no dia seguinte.

Capitulo VI

APARECE UMA NOVA MENINA

DE noite houve discussão das hipoteses que poderiam dar-se no dia seguinte. Dona Benta disse: — Concordo que se estivermos sobre pernas de páu as onças não poderão apanhar-nos. Mas depois? E se elas resolverem-se a ficar por aqui até que nos cansemos e sejamos forçados a descer?

Era uma hipotese bastante provavel, que não havia ocorrido a Pedrinho. Sim, se as onças ficassem por lá, como era?

— Hão de cansar-se e irem-se embora, sugeriu Narizinho. Quando a fome apertar, não fica nenhuma aqui.

— E se se revesarem? lembrou dona Benta. E se enquanto a metade for caçar a outra metade permanecer, montando guarda?

Narizinho não soube responder, nem Pedrinho, nem o visconde. Ficaram todos de nariz caído, pensando nessa terrível hipotese. Quem respondeu foi a Emilia, que andava toda misteriosa, piscando cavor-teiramente os olhinhos como quem tem a solução dum grande problema no bolso.

— Não tenham medo de coisa nenhuma, disse ela por fim. Arranjei umas granadas de mão otimas para espantar onças.

— Granadas de mão? repetiu Pedrinho franzindo a testa. Que historia é essa, Emilia?

— Uma surpresa. Preparei-as com a ajuda dos meus besouros. São cinco, numero suficiente para espantar cem onças que sejam.

— E onde estão?

— No telhado.

— Por que, no telhado?

— Botei-as lá para estarem ao meu alcance no momento em que as onças aparecerem e nós estivermos sobre as pernas de páu. Tambem botei lá pão com manteiga, um guarda-chuva e mais coisas. Póde nos apertar a fome, póde chover...



Narizinho estava intrigadissima com o negocio das granadas.

— Explique isso melhor, Emilia, pediu ela. Que granadas são essas?

— Nada posso dizer. Segredo. Só adeantarei que são de cera e do tamanho de laranjas baianas.

Granadas de cera, do tamanho de laranjas baianas! Ou a boneca estava de miolo mole... ou... ou... Em todo o caso, como fosse Emilia uma danadinha

capaz de tudo, os meninos e as velhas sossegaram um pouco mais.

A razão de tia Nastacia haver desistido das pernas de páu era que não acreditava muito no tal assalto das onças. “Isso ha de ser imaginação dessas crianças”, refletia ela de si para si. “Os diabretes vivem com a cabeça quente e inventam coisas para atormentar os mais velhos. Não acredito”.

Dona Benta igualmente não acreditou — no principio. Depois, lembrando-se de outras coisas inda mais espantosas que já haviam acontecido, achou melhor acreditar.

— Pelo sim, pelo não, acredito, disse ela para a negra. Coisas tão espantosas têm acontecido neste sitio que, “por via das duvidas”, acho melhor acreditar.

— Qual, nada, sinhá! insistiu a negra. Onde já se viu onça andar em bando a atacar casa de gente? Estou com setenta anos e nunca ouvi falar de semelhante ação.

— Nem eu. Mas lembre-se, Nastacia, que também nunca vimos contar de nenhuma boneca que falasse, nem de nenhum visconde de sabugo que agisse tal qual uma gentinha — e aí estão a Emilia e o visconde de Sabugosa.

— Lá isso é, resmungou a preta, pendurando o beiço.

— Se isso é, concluiu dona Benta, como vái você arranjar-se amanhã, se as onças vierem mesmo?

— Como vou me arranjar? repetiu tia Nastacia coçando a cabeça. Não sei. Francamente não sei. Na hora veremos...

MUSEU HISTÓRICO E PEDAGÓGICO MONTEIRO LOBATO
AV. VIS. ONDE DE SABUGOSA S/N.
151 12060-830 - TABUATÉ - SP

Ela continuava com a esperança de que o tal ataque das cinquenta onças não passasse duma "pulha" de Pedrinho para meter medo aos "mais velhos".

Foram dormir. Cada qual sonhou pelo menos com uma onça. Emilia, porém, teve sonhos côr de rosa, a avaliar-se pelos sorrisos que animaram seu rostinho durante a noite inteira. E' que estava sonhando com as suas famosas granadas de cera...

Pela madrugada alguém bateu na porta da rua — *tóc, toc, toc...* Pedrinho pulou da cama, assustado. "Seriam já as onças?" Os outros também ergueram-se, inclusive dona Benta e tia Nastacia. Reuniram-se todos na sala de jantar, á escuta.

Nova batida — *tóc, toc, toc...*

— Parece batida de nó de dedo, sussurrou Narizinho. Onça não póde bater assim.

Pé ante pé, a menina aproximou-se da porta e espiou pelo buraco da fechadura. Não viu onça nenhuma. Em vez disso viu... outra menina!

— Uma menina! exclamou Narizinho batendo palmas. Assim do meu tamanho, lindinha! Quem sabe se não é Capinha Vermelha?... Abro ou não abro a porta, vóvó?

— Pois se é uma menina, abra. Veja primeiro se não vem algum lobo atrás dela.

Narizinho espiou de novo e não viu lobo nenhum. Em vista disso abriu. Uma menina muito desembaraçada, da mesma idade que ela, entrou.

— Bôa madrugada para vocês todos! Bôa madrugada, dona Benta! Bôa madrugada, tia Nastacia!

A menina conhecia a todos da casa e no entanto não era conhecida de nenhum dos presentes. Quem seria?

— Quem é você, menina? perguntou dona Benta, meio desconfiada.

— Não me conhecem? tornou a desconhecidazinha com todo o espevitamento. Pois sou a Cléo!...

Foi uma alegria geral. Não havia ali quem não conhecesse de nome a famosa Cléo, que falava pelo radio e de vez em quando escrevia cartas a Narizinho dando idéas de novas aventuras.

— Viva, viva a Cléo! exclamaram todos numa grande alegria.

— Pois é, disse a menina sentando-se em cima da mesa, cá estou para os conhecer pessoalmente. Desde que li as primeiras aventuras de Narizinho fiquei doida por entrar para o bando também. Móro em São Paulo, uma cidade muito desenxabida, com um viaduto muito feio e uns bichos fardados de amarelo, ainda mais feios, passeando pelas ruas. Enjoei do tal S. Paulo e vim morar aqui. Fiquem certos duma coisa: o unico lugar interessante que ha no Brasil é este sitio de dona Benta.

Todos mostraram-se contentissimos. Dona Benta, entretanto, disse:

— Mas veiu em má ocasião, Cléo. Imagine que justamente hoje o sitio vái ser atacado por um exercito de onças e iráras e cachorros do mato...

— Otimo! respondeu ela. Um dos sonhos da minha vida sempre foi ser atacada por um exercito de

onças e iráras e cachorros do mato, de modo que adivinhei vindo em momento tão propício...

— *Ché!*... exclamou lá consigo tia Nastacia. Agora é que o sitio péga fogo mesmo. Menina de "propícios"... Crédo!

O dia estava clareando e, como as onças podiam chegar dum momento para outro, Pedrinho tratou de ensinar a Cléo o uso das pernas de páu, explicando-lhe que fôra esse o meio que descobrira para se defenderem do ataque.

Tia Nastacia foi para a cozinha acender fogo para o café. Estava de olho parado, pensando, pensando...

— A Cléo aqui! murmurava ela para as labaredas. *Ché!*...

Capitulo VII

O ASSALTO DAS ONÇAS

DEPOIS de tomado o café com farinha de milho, Pedrinho pendurou o visconde no galho mais alto duma arvore proxima, armado do binoculo de dona Benta, para dar aviso da chegada das onças. O nobre



fidalgo, porém, sempre tivera o costume de acordar tarde, ali pelas dez horas mais ou menos. Em vista disso resolveu dormir no seu galhinho, certo de que só lá pelas dez horas as onças viriam. Dormiu, e assim não pôde dar aviso da chegada das onças, que já esta-

vam bem perto. Quem percebeu a aproximação delas foi a Emilia, cujo faro era maravilhoso.

— Estou sentindo um cheirinho de onça no ar! exclamou em certo momento.

Por força da sugestão, ou porque de fato andasse pelo ar algum cheiro de onça, todos ergueram o nariz para cima e sentiram cheiro de onça. Como, então, não dava nenhum aviso o visconde? Pedrinho correu ao terreiro e gritou:

— Avise duma vez, palerma! Não vê que as onças já estão chegando?

O pobre fidalgo acordou com o berro e, ainda estremunhado de sono, espiou pelo binóculo, mas em sentido contrario, de modo a ver as onças longissimas.

— Vêm, sim, disse ele, mas tão longe, tão longe e tão pequenininhas que até que cresçam e que cheguem dá tempo de...

Não pôde concluir. Escorregou do galho e veio de ponta cabeça ao chão.

Não havia tempo de acudir o visconde, que caíra de mau jeito, bem em cima duma lama, onde ficou de cabeça enterada. O tempo era o exatamente necessario para

se colocarem sobre as pernas de páu. Corre-corre geral. Cada um tratou de apanhar o par de pernas que lhe pertencia e de ageitar-se em cima. Em tres minutos o terreiro ficou povoado daqueles estranhos bipedes pernaltas. A primeira coisa que notaram lá do



alto foram as granadas de cera de Emilia, arranjadinhas sobre o telhado. Pedrinho quis examina-las. Não pôde. A boneca espantou-o com um grito.

— Não se aproxime! Não bula, que me estraga o capítulo! . . .

E tia Nastacia? Essa ficou em baixo, rezando e riscando a cara e o peito de tremulos pelo-sinais. Apesar de descrente da vinda das onças, que lhe parecia coisa impossível, começou a sentir um horrível pavor. E se viessem mesmo? pensava ela. E se o tal cheirinho que a boneca sentira no ar fosse mesmo cheiro de onça?

Subito — *Miau!* Um horrível miado ressoou no pasto. Devia ser o sinal de ataque do onço viuvo. Logo em seguida surgiram de dentro de todas as moitas uma infinidade de caras de onças e jaguariticas e iráras e cachorros do mato, com olhos ameaçadores e dentuças arreganhadas.

Só então a pobre negra se convenceu de que tinha errado. Correu, qual uma desvairada, às pernas de páu que Pedrinho lhe tinha feito. Não as achou. A Cléo havia-se utilizado delas. Olhou aflita para a escada. Bobagem, escada! As onças trepariam por



ela também. Seus olhos esbugalhados procuravam inutilmente a salvação.



— Trépe no mastro! gritou-lhe a Cléo.

Sim, era o unico geito — e tia Nastacia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou, que nem uma macaca de carvão, pelo mastro de S. Pedro acima, com tal agilidade que parecia nunca ter feito outra coisa na vida senão trepar em mastros.

Foi a continha. A onçada toda já estava no terreiro.

A principio as assaltantes não perceberam o truque inventado por Pedrinho para logra-las. Os ani-

mais de quatro pés raro olham para o alto, e como os pernaltas guardassem o mais absoluto silencio, as onças não os viram lá em cima dos seus espéques. Entraram pela casa a dentro em procura deles e, não os encontrando, mostraram-se desapontadissimas.



— Fugiram, os covardes! uivou com os olhos chispantes de colera o onço viuvo. Alguem os avisou e eles fugiram...

Nisto uma cuspidinha da Emilia caíu-lhe bem no focinho. O onço olhou para cima e sorriu, lambendo os beiços.

— O nosso “almoço” não fugiu, não! exclamou, contentissimo. Lá estão todos os pratos, cada qual em cima de dois espetos.

Toda a bicharia olhou para cima, com agua na boca. Não tinham comido na vespera, o apetite era forte e viram que iam ter uma bela variedade de petiscos — um menino, duas meninas, um leitão, uma boneca, uma velha branca e uma velha preta. Otimo!



— Isto nem é almoço! observou uma irára. Vái ser banquete dos bons...

Mas como alcançar os pernaltas? O onço viuvo, que era o mais forte do bando, experimentou o pulo. Deu quatro ou cinco pulos formidaveis, os maiores da sua vida — mas inutilmente. Os espetos tinham quatro metros de altura e os seus pulos não iam acima de tres metros e noventa e cinco centímetros.

— Com pulo não vái, disse ele. Precisamos inventar outra coisa. Que ha de ser?

— Tenho uma idéa, latiu um cachorro do mato de talento. Eles não pódem ficar lá no alto toda a vida.

Hão de descer, logo que a fome aperte. Minha idéa é ficarmos aqui de plantão até que desçam.

— Sim, disse o onço, que era burrissimo, mas se a fome aperta para eles, tambem aperta para nós — e como é?

— Revesa-
mo-nos, resolveu
o cachorro. Me-
tade do bando
vá caçar e al-
moçar no mato
enquanto a ou-
tra metade fica
de guarda. Des-



se modo poderemos permanecer aqui a vida inteira, se for preciso.

— Eu não disse? cochichou dona Benta. As malvadas vão revesar-se e estaremos perdidos...

A situação era gravissima. Cléo, que não tinha pratica de aventuras maravilhosas, fez bico de choro. As onças estavam decididas a tudo, e se os pernaltas podiam resistir por muitas horas, o mesmo não acontecia á pobre tia Nastacia, que já mal se aguentava no mastro.

— Vou cair! berrou ela nesse momento. Não aguento mais. Minhas mãos estão escorregando...

— Vêm? disse o onço, passando a lingua pela beicarra. O nosso banquete vái começar pela sobremesa. O furrundú está dizendo que não aguenta mais e vái descer...

— Emilia, gritou Pedrinho, estamos esperando por você. Que venha a surpresa das granadas.

A boneca tratou de tirar partido da situação.

— Muito bem, disse ela, mas só lançarei as minhas granadas sob tres condições.

— Diga depressa quais são!...

— Primeiro: que todos reconheçam que sou a mais esperta e inteligente do bando. Segundo: que dona Benta me dê um regadorzinho de jardim, dos verdes. De outra côr não quero. Terceiro: que...

— Socorro! berrou num tom de cortar a alma a pobre tia Nastacia que, não podendo mais aguentar-se no mastro, vinha escorregando lentamente.

Emilia não esperou pela resposta ás suas condições. Aproximou-se do telhado, tomou as granadas e — *zás!* — arremessou-as contra o bando de feras. As granadas romperam-se ao dar nos alvos e deixaram sair de dentro enxames de cassunungas, que são as mais terriveis vespas que existem.

Foi uma tragedia! As vespas ferraram nos focinhos e olhos das onças e iráras e cachorros do mato, fazendo-os fugirem dali numa desabalada louca. Em meio minuto o sitio ficou inteiramente limpo de bicho feroz.

Não foi sem tempo. Tia Nastacia já estava no chão, escarrapachada ao pé do mastro, mais morta do que viva, suando o suor frio da morte. Se as granadas da Emilia não tivessem produzido aquele maravilhoso resultado, a boa velha não escaparia de virar furrundú de onça...

— Viva! Viva a Emilia! gritou Cléo, realmente entusiasmada com a proeza da boneca.

— Viva! Viva a rainha das bonecas! gritaram os outros.

Pratica como era, Emilia tratou de aproveitar aquele entusiasmo para ganhar coisas. Obteve



de dona Benta a promessa dum lindo regadorzinho verde; de Pedrinho apanhou, ali na hora, cinco tostões novos; e de Narizinho conseguiu uma mobilia de boneca.

— E você, Cléo, que me dá?

— Um beijo, Emilia.

A boneca fez um muchocho de pouco caso. Depois, voltando-se para tia Nastacia:

— E você, pretura?

Tia Nastacia não pôde responder. O susto por que passara fôra tanto que perdera a voz. Foi preciso darem-lhe a beber varios goles dagua. Só então pôde abrir a boca e dizer:

— Você me salvou a vida, Emilia, e não ha o que pague isso. Dou tudo quanto me pedir.

— Quero aquele pito de barro em que você pita, respondeu a boneca.

Foi assim que Emilia ganhou o celebre pito de barro que mais tarde deu de presente ao Pequeno Polegar.

Capitulo VIII

OS NEGOCIOS DA EMILIA

DESDE essa aventura ficou Pedrinho com mania de caçadas — mas de caçadas de feras africanas. Queria leões, tigres, rinocerontes, elefantes, pantéras, e queixava-se a dona Benta (como se a boa senhora tivesse culpa) da pobreza da America a respeito de feras. Chegou a sugerir-lhe que vendesse o sitio para adquirir outro bem no coração do Uganda, que é a região da Africa mais rica em leões.

— Aqui nem dá gosto morar, vóvó, dizia ele torcendo o nariz. Fóra o jaguar, que outra féra possuímos? Só paca e veado e anta — uns pobres herbívoros que têm medo de gente. Eu queria mas era enfrentar peito a peito um rinoceronte! . . .

Dona Benta arrepiava-se com aquilo. Lera muita coisa sobre as grandes feras africanas e sabia que nenhuma existe mais traiçoeira e feroz do que o rinoceronte, com aquele seu terrível chifre unico no meio da testa. A pobre senhora esfriava da cabeça aos pés só ao lembrar-se do horror que seria uma chifrada de tal chifre.

— Veja, Nastacia, para que deu Pedrinho agora! dizia ela. Quer caçar rinocerontes... Não sei por quem puxou essa terrível inclinação.

Tia Nastacia benzia-se. Ignorava o que fosse um rinoceronte, não o tinha visto nem no cinema, nem em desenho, mas a simples palavra a assustava. “Rinoceronte, crêdo!”

— E o pior, continuou dona Benta, é que quando estas crianças encasquetam fazer uma coisa, fazem mesmo. Eles viram e mexem e acabam caçando algum rinoceronte. Você vái ver.

E assim aconteceu. Parece fabula, parece mentira do barão de Münchhausen, e no entanto é verdade pura: os netos de dona Benta caçaram um rinoceronte de verdade!...

— Como?

— Esperem lá.

Algum tempo depois do assalto das onças chegou ao Rio de Janeiro um grande circo de cavalinhos que era uma verdadeira arca de Noé. Trazia enorme bicharada — seis leões, tres girafas, quatro tigres, zebras, hienas, fôcas, pantéras, cangurús, giboias e um formidável rinoceronte. Quando Pedrinho leu nos jornais a noticia do grande acontecimento, ficou asanhadissimo. Quís ir ao Rio ver as féras, chegando até a escrever a dona Tonica, sua mãe, pedindo licença e meios. Antes, porém, de receber qualquer resposta, um fato sensacional se deu no Rio: o rinoceronte arreventou as grades da jaula, certa noite de temporal e fugiu. Fugiu para as matas da Tijuca, tomando depois rumo desconhecido.

Esse fato causou o maior reboiço no Brasil inteiro. Os jornais não tratavam de outra coisa. Até uma revolução, que estava marcada para aquela semana, foi adiada, porque os conspiradores acharam mais interessante acompanhar o caso do rinoceronte do que dar tiros nos adversários.

“Um rinoceronte interna-se nas matas brasileiras”, era um título de artigo que se lia em letras graúdas em todos os jornais. Durante um mês ninguém cuidou de mais nada. Grande numero de bombeiros e soldados da policia foram mobilizados. Os melhores detectives do Rio aplicavam toda a sua esperteza em formular planos para a captura do misterioso animal. As forças, que na Baía andavam caçando o Lampeão, deixaram em paz esse bandido para também se dedicarem á caça do monstro. Dizem até que o proprio Lampeão e seus companheiros pararam de assaltar as cidades para se entregarem ao novo esporte — caça de rinocerontes.



Onde estaria ele? Nas florestas do Amazonas? Nas matas virgens do Espirito Santo? Ninguém o sabia. Telegramas chegavam de toda a parte, sugerindo pistas. Um de Manáos dizia: "Numa floresta, a dez leguas desta cidade, foi visto, dentro dum cerrado de taquarussús, o vulto negro dum monstro que parece ser o tal rinoceronte. Pedimos providencias".

Cinco detectives e numerosos bombeiros foram mandados para aquele ponto, de avião, para investigar. Descobriram tratar-se duma vaca preta que ficara enredada na moita de taquarussús...

Outro telegrama no mesmo sentido veio da cidade de Cachoeiro, no Espirito Santo. "Nas matas vizinhas ouvem-se urros que não são de onça, nem de nenhum animal conhecido por aqui. Pedimos energicas providencias".

O avião dos detectives voou para lá. Era um papagaio que fugira dum jardim zoologico, onde aprendera a imitar o urro de todos os animais.

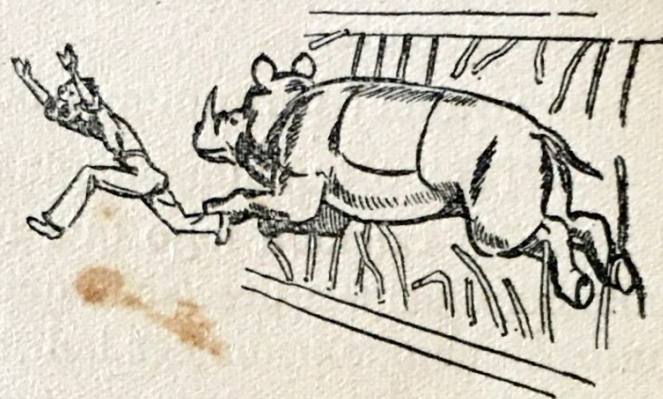
Onde estava o rinoceronte? eis a pergunta que da manhã á noite se repetia pelo país inteiro. Onde poderia ter-se escondido a tremebunda féra?

Ninguém possuia elementos para responder. Ninguém sabia. Ninguém, ninguém, exceto... Emilia!

Parecerá um absurdo isto. Parecerá invenção de gente sem serviço e, no entanto, é a verdade pura. Só a pequenina boneca do sitio de dona Benta sabia realmente onde estava escondida a féra!...

O caso foi assim. Logo que naquela noite de

temporal o rinoceronte escapou da jaula e internou-se nas matas da Tijuca, deu de andar sem rumo, e foi varando, sempre para diante, num tróte respeitável, até que pela madrugada rompeu na mata virgem do sitio de dona Benta. Gostou do lugar e resolveu ficar por ali, pastando a viçosa folhagem das arvores que encontrou.



A presença do rinoceronte causou grande reboiço entre os habitantes daquela mata. A capivara, que vive tanto em terra como em agua, atirou-se ao rio e não teve mais coragem de sair. As onças fu-



giram. Os macacos empoleiraram-se na mais alta de todas as arvores. Nenhum animal podia compreender um bicho tão estranho e monstruoso. Observan-

do aquilo; os besouros da Emilia resolveram dar-lhe parte do sucedido. Foram procura-la.

— Apareceu lá na mata um bicho que não se parece com bicho nenhum nosso conhecido, informaram eles gemeamente.

— Grande? perguntou a boneca.

— Terá o tamanho duma casa de caipira.

Emilia calculou logo que fosse algum boi tresmalhado, mas pela descrição que os besouros fizeram viu logo que não podia ser boi. De repente teve uma idéa.

— Escutem, disse ela. O tal monstro é preto?

— Sim.

— Tem couro enrugado?

— Enrugadissimo.

— Um chifre só no meio da testa?

— Isso mesmo. Um chifre pontudissimo.

— Come gente?

— Não. Só come folhas de arvore.

Emilia pôs-se a refletir, com a mãozinha no queixo. Ou era unicornio, animal fabuloso que não existe, pensou ela, ou era rinoceronte — e como Emilia andava cheia de rinocerontes na cabeça de tanto ouvir Pedrinho ler as noticias do que fugira do circo, imediatamente percebeu que se tratava do mesmo.

— E' ele! exclamou em voz alta. Que sorte tem Pedrinho! Quís um rinoceronte e um rinoceronte apareceu!...

— Ele quem? indagaram os besouros com as testinhas franzidas.

— ELE! repetiu a boneca fazendo uma tal cara de pavor que os besouros puseram-se a tremer. ELE é ELE, sabem?

Emilia teve preguiça de ensinar áquelles burrinhos o que era um rinoceronte. E assim, para mais ainda os assustar, fez outra cara horrendissima e repetiu em tom cavernoso:

— ELE!...

Os dois besouros desmaiaram.

Emilia deixou-os lá e voltou para casa sem pressa nenhuma, pensando. Ciganinha como era, costumava tirar partido de tudo. Por isso estava-se tornando a boneca mais rica do mundo. O acaso a fizera descobrir um rinoceronte. Pois bem: Emilia iria vender esse rinoceronte a Pedrinho...

Quando entrou na varanda já trazia o seu plano formado.

— Pedrinho, disse ela, tenho um bom negocio a propor.

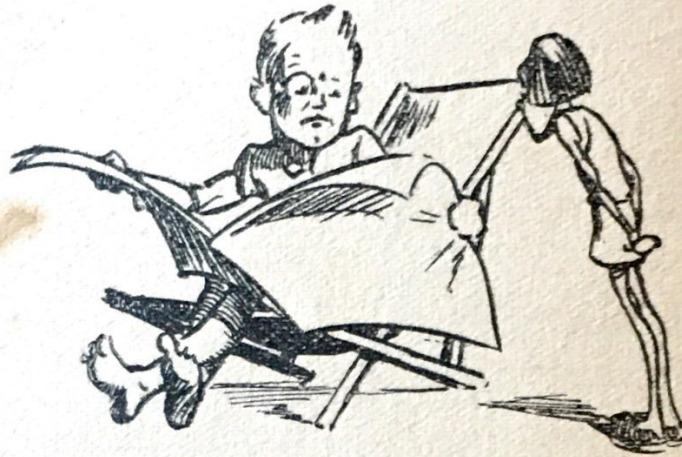
O menino estava espichado na cadeira preguiçosa lendo os ultimos jornais recebidos. Sem tirar os olhos da noticia que lia, respondeu:



— Já vem ela com os tais negócios! Negócios de boneca — bobagens...

— Trata-se dum negocio muito sério, Pedrinho. Quando você souber o que é, vái arregalar um olho deste tamanho!

— Pois então desembuche logo e não amole, disse



se ele sem tirar os olhos do jornal. Estou lendo uma noticia muito interessante sobre o rinoceronte fugido.

Emilia fingiu-se interessada.

— Sim? fez ela. Que diz a noticia?

— Diz que tudo isto, toda esta historia de rinoceronte fugido não passa duma formidavel pêta. Não existe rinoceronte nenhum. O diretor do circo inventou a historia apenas para reclame.

— Que pena! exclamou a boneca fingindo tom compungido. Seria tão bonito se fosse verdade...

— Eu logo vi que era pêta, disse Pedrinho querendo bancar o esperto. Percebi desde o começo que se tratava duma formidavel pêta. Rinoceronte no Brasil! Impossivel. Esses animais não suportam o nosso clima.

Emilia sorriu de tal geito que o menino desconfiou.

— De que está rindo assim, boba?

— Da sua esperteza, Pedrinho. Bem diz tia Nastacia que você é um alho. . .

— Muito obrigado pelo elogio, mas, alho ou cebola, deixe-me em paz. Olhe, Emilia, vá ver se eu estou no pomar, ouviu?

— Então não quer fazer o negocio que venho propor?

Pedrinho queria e não queria. Por fim a curiosidade o venceu.

— Que negocio é? Vamos, diga logo.

Emilia preparou-se para apresentar o negocio. Antes, porém, fez um rodeio.

— Escute cá, Pedrinho. Quanto acha você que vale um rinoceronte no Brasil? Responda!

O menino tonteou com o disparate. Não podia haver pergunta mais absurda e boba do que aquela. Ficou danado.

— Foi para isso que me veio interromper a leitura do jornal? Ora vá lambar sabão, ouviu?

Novo sorriso finório da boneca, que disse:

— Paz, paz, não se queime. Responda á minha pergunta. Dê um preço qualquer.

— Não amole, Emilia! Se insiste, joga você pela janela.

A boneca viu que o meio de conseguir que Pedrinho respondesse era mete-lo em brios.

— Não sabe, disse ela. E' natural. Um menino que jamais saíu do Brasil, que não esteve nem no Rio de Janeiro, é natural que não saiba o preço dum rinoceronte. Está desculpado. . .

— Bobagem! exclamou Pedrinho, queimado.

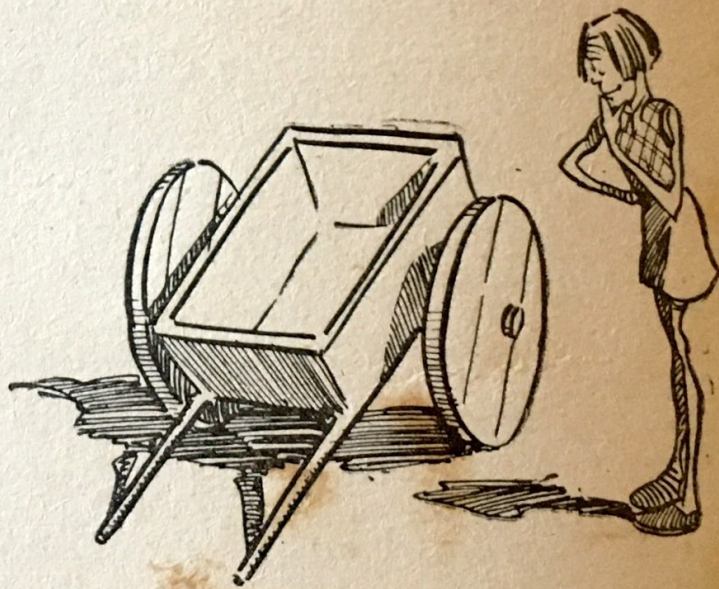
Então é preciso ter saído do Brasil, ter viajado o mundo, para saber uma coisa tão atôa como essa? Basta um pouco de raciocínio.

— Pois raciocine e responda á minha pergunta. Pedrinho pensou um bocado e disse:

— Vale contos de réis. O valor das coisas está em relação com a raridade delas, diz vóvó. Numa terra onde haja centenas de rinocerontes, um deles vale... vale quanto? Vale o mesmo que um boi ou uma vaca. Mas em terra onde não ha nenhum, vale o que fôr pedido pelo seu dono. Eu, por exemplo, se fosse rico, era capaz de dar até trinta contos por um rinoceronte.

— Bom. Se fosse rico dava trinta contos. E quanto dá, sendo pobre? Tinha coragem de dar por um deles o carrinho de cabrito?

Esse carrinho de cabrito constituia o orgulho do menino. Fôra presente do Manoel Carapina, um carpinteiro que passara ali dois meses reformando os assoalhos da casa. Pedrinho dava mais valor ao carrinho do que a todos os cóches dourados de todos os reis da terra — pela simples razão de que o carrinho lhe pertencia e os cóches pertenciam aos reis. Mas



um rinoceronte era um rinoceronte, de modo que a resposta do menino foi o que podia ser.

— Um rinoceronte vale todos os carrinhos de cabrito do mundo inteiro, disse ele.

— Pois eu tenho um rinoceronte para vender e se você quiser troca-lo pelo carrinho, o negocio está feito.

Era tão absurdo aquilo que o menino danou, certo de que a boneca estava a mangar com ele.

— Basta! gritou. Se continúa a me amolar com essa historia, vou lá no seu cantinho e quebro todos os seus brinquedos. Disse, e absorveu-se de novo na leitura dos jornais. ▲

Emilia não contara com aquela saída. Percebeu que nem Pedrinho, nem ninguem no mundo jamais acreditaria que ela realmente tivesse um rinoceronte para negociar — e desse modo estava arriscada a perder um grande negocio, talvez o melhor negocio da sua vida...

Capitulo IX

EMILIA VENDE O RINOCERONTE

EMILIA tratou de procurar outro freguês. Foi á cozinha e propôs o negocio a tia Nastacia. A negra, que estava depenando uma galinha, nem a ouviu no começo; depois, como Emilia insistisse, disse apenas:

— Era só o que faltava, esse bicho de nome exquisito aqui para me amolar! Se fosse uma chocateira, eu fazia negocio, porque a minha está vazando.

Para dona Benta era inutil oferecer. A boa senhora tinha horror a fêras, sobretudo depois que teve de meter-se em pernas de páu no dia do assalto das onças.

O visconde seria capaz de aceitar, porque os fidalgos adoram as grandes caças — mas o pobre visconde pertencia á classe dos nobres arruinados que só possuem o seu titulo de nobreza. Nunca teve de seu nem um tostão furado, sequer.

Narizinho... Rabicó...

Estava Emilia na maior indecisão, quando a Cléo appareceu.

— Cléo, disse a boneca, tenho um negocio exce-

lente que ando a propor a todos e ninguém aceita. Pedrinho não acredita, tia Nastacia não quer, o visconde não tem dinheiro, Narizinho e Rabicó ainda não falei. Resta você.

— Que especie de negocio? perguntou a menina. Venda ou troca?

— Venda ou troca de um animal preciosissimo que descobri na mata.

— Vá ver que é um rinoceronte! sugeriu Cléo.

Emilia ficou admiradissima.

— Como sabe? Como adivinhou?

— Esperteza, respondeu Cléo. Estou lendo nos seus olhos, Emilia, que você é dona dum enorme rinoceronte de verdade.

— Sério?

— Seriissimo!

Emilia foi examinar-se ao espelho e achou que realmente estava com cara de dona de rinoceronte. Os sabios chamam a esse fenomeno "sugestão".

— Bem, disse Emilia de volta do espelho. Você adivinhou, Cléo. Tenho mesmo um rinoceronte para vender. Quer compra-lo?

— Não. Mas posso associar-me a você no negocio. Arranjarei geito de vende-lo a Pedrinho e metade do dinheiro é meu. Serve?



— Não quero vende-lo por dinheiro e sim trocá-lo pelo carrinho de cabrito.

— Nesse caso eu terei metade do carrinho, as rodas, por exemplo, lembrou Cléo, mais para amolar a boneca do que por desejar realmente possuir as tais rodas.

Emilia refletiu uns instantes. Depois disse:

— E você mais tarde me dá de presente as rodas?

Cléo teve dó da afliçãozinha dela.

— Dou, sim, dou desde já. Estou brincando. Não preciso, nem quero roda nenhuma. Ajudarei você a vender o rinoceronte sem cobrar comissão nenhuma.

Foram ter com Pedrinho, que ainda estava a ler o seu jornal.

— Escute, Pedrinho, disse a boneca tirando-lhe o jornal das mãos. Vou ser franca. O tal rinoceronte que fugiu do circo existe sim, e por um extraordinário acaso descobri o lugar onde está. Juro! Ora, se você *nos* promete dar o carrinho de cabrito em troca, o negocio está feito.

Pedrinho estranhou aquele *nos*.

— *Nos?* repetiu ele, admirado. *Nos, quem?*

— Sim, eu e Cléo. Ela é socia, tem metade do rinoceronte.

O tom com que Emilia falava começou a convencer o menino.

— Sério, Emilia? Está falando sério?

— Nunca falei tão a sério na minha vida, Pedrinho. Sei onde está o rinoceronte fugido, mas só o direi se você *me* der...

— *Nos* der... interrompeu Cléo.

— Sim, se você nos der o carrinho.

Um rinoceronte de verdade por um carrinho de cabrito era o melhor negocio do mundo. Pedrinho não vacilou um instante.

— Pois está fechado! gritou ele. Onde anda o bicho?

— Na mata dos taquarussús.

— Como o descobriu, Emilia?

— Os meus besouros espiões são uns danados. Tudo o que se passa na floresta eles correm a me contar. Inda ha pouco vieram, muito assustados, dizer do aparecimento dum animalão enorme, assim, assim, de chifre unico na testa — e percebi logo que se tratava do rinoceronte fugido.

Era espantoso aquilo. Pedrinho sentiu o coração palpitar com violencia no peito. Um rinoceronte! Um rinoceronte de verdade, morando no sitio de dona Benta! Não podia haver nada mais fantastico...

— Resta agora decidir o que faremos dele, murmurou o menino atrapalhado. Mata-lo, cata-lo, prende-lo, devolve-lo ao circo, amansa-lo, conserva-lo aqui... Que fazer?

— Acho que devemos amansa-lo e faze-lo entrar para o nosso bando, sugeriu Cléo. Sempre achei que fazia muita falta nele um bicho assim, dos grandes.

— Impossivel, Cléo, disse Pedrinho. Esses animais, além de ferocissimos e traiçoeiros, são incomodamente grandes. Não cabem em parte nenhuma. E depois, ha ainda vóvó e tia Nastacia — as duas maio-

res medrosas do mundo. Se conservassemos o rinoceronte aqui no sitio, elas se trancariam em casa pelo resto da vida. São bobissimas. Mas veremos isso depois. Agora temos de ir espiar o bicho.

Guiados pela Emilia, saíram os tres ao encontro dos besouros, que justamente naquele instante estavam voltando a si do longo desmaio.

— Onde está o rinoceronte? perguntou-lhes Pedrinho ao chegar.

Mal acordados ainda, e ignorantes do que significava a palavra “rinoceronte”, os pobres besouros olharam para o menino com ar pateta. Emilia interveiu, explicando que só ela sabia falar áqueles bichinhos.

— Escutem, disse, queremos saber onde ELE está.

Os besouros entenderam e deram as indicações do ponto exato onde ELE se achava escondido. Pedrinho, que conhecia a moita dos taquarussús, tomou rumo para lá.

Meia hora depois chegavam a um ponto onde a mata se abria em clareira, tendo dum lado a Figueira Brava, debaixo da qual os bichos costumavam reunir-se em assembléa, e de outro a tal moita de taquarussús. Chegaram, espiaram e nada viram.

— Vejo lá adeante uma pedra preta, disse Cléo apontando para um rochedo de dorso redondo que os capins altos meio escondiam. De cima talvez possamos avistar o monstro.

Correram todos para a tal pedra, treparam-lhe



em cima e do alto espiaram por entre as arvores em todas as direções. Nada! Nem sombra de rinoceronte.

— Emilia, disse Pedrinho desapontado, não ha rinoceronte nenhum por aqui. Os senhores besouros nos tapearam da maneira mais indigna. Como castigo, merecem ser depenados de todas as pernas. Se eu fosse você. . .

Pedrinho não pôde concluir. A pedra mexeu-se. Não era pedra — era o proprio rinoceronte que se deitara para dormir! . . .

O pulo que os quatro deram merecia ir para um quadro na parede, com moldura de ouro; pois foi o mais rapido e belo pulo que ainda se deu no mundo. Mas como os rinocerontes são pesadões, enquanto aquele se punha em pé os quatro caçadores alcançavam o mais alto galho da Figueira Brava, donde podiam observa-lo sem perigo nenhum.

— Realmente! exclamou Pedrinho do seu poleiro. E' rinoceronte dos legitimos. Vejam que formidavel chifre tem na testa e que terrivel couraça lhe cobre o corpo. . .

— A onça matamos, disse Narizinho, mas este bicho cascudo não ha meio. Bala não entra, faca não entra. Como iremos nos arranjar?

— O geito é passarmos um telegrama para o Rio de Janeiro avisando as autoridades de que o rinoceronte que eles procuram está aqui. O pessoal lá tem canhões e metralhadoras. Que acha, Emilia?

Emilia estava de ruguinha na testa, sinal de "idéa mãe" em formação.

— Acho, respondeu, que não devemos mandar

telegrama nenhum, nem falar nisto a ninguém. Do contrario o sitio se entope de gente grande e adeus festa! Gente grande estraga tudo. Eu não aturo gente grande.

Os outros tambem, mas o caso era muito espe-



cial, muito sério mesmo, e não havia remedio senão pedir socorro á gente grande. Pelo menos dona Benta tinha de ser avisada. O sitio, afinal de contas, era dela; o rinoceronte invadira a sua propriedade — natural pois que, como dona, resolvesse o caso. E ficou decidido darem parte a dona Benta do extraordinario acontecimento.

Mas como descer da arvore com aquele perigo chifrudo em baixo? O rinoceronte havia-se posto de pé, embora sem mostrar intenção nenhuma de afastar-se dali. Tosava as copas dos arbustos vizinhos e mascava as folhas com um sossego infinito.

Quem salvou a situação foi a boneca.

— Tenho cá no meu bolsinho do avental uma isca do pó de pirlimpimpim. Se não perdeu a força, poderá levar-nos até em casa.

Pedrinho arregalou o olho. Pó de pirlimpimpim no bolso da Emilia! Como isso? Será que a boneca virara gatuna?

— Não furtei coisa nenhuma, protestou Emilia percebendo na cara de Pedrinho a desconfiança. Não sou nenhuma ladrona, fique sabendo.

— Como então obteve esse pó?

— Muito simplesmente. Quando fomos ao País das Fabulas e você deu a pitada que eu devia tomar, tomei só meia pitada. O resto guardei no meu bolsinho para o que dêsse e viesse. Chegou agora a ocasião.

Foi uma grande alegria. Graças á providencia da boneca, iam todos salvar-se daqueles apuros. Mas no bolso da Emilia só se encontrava meia pitada. Di-

vidido entre quatro, daria um oitavo de pitada para cada um.

— Bastará, Pedrinho? perguntou Cléo.

— Basta. Com um oitavo iremos parar justamente no terreiro de casa.

Assim sucedeu. Tomaram a pitadinha do pó maravilhoso e imediatamente se acharam no terreiro do sitio. Dona Benta estava na varanda, conversando com tia Nastacia sobre assuntos agricolas — um pé de couve que Rabicó havia tosado na horta.

— Esse marquês duma figa está precisando mas é de ir para o forno, dizia a preta, que nunca tomara muito a sério a fidalguia do leitão. Nesse andar, protegido desse geito pelos meninos, acaba virando ahi um cachaço inutil, que ainda nos ha de dar muito trabalho. Mas vá a gente falar nisso a Narizinho! A casa cái...

Nesse momento surgiram os meninos no terreiro. Detiveram-se um instante, cochicharam entre si e depois se encaminharam para a varanda.

— Temos novidade, resmungou tia Nastacia. Pedrinho está de mão no bolso e Emilia, de ruguinha na testa. Esses sinais não falham. Crédo! Pedrinho subiu á varanda e sem nenhum prepa-



ro do terreno foi contando a dona Benta a historia do rinoceronte que apparecera no sitio.

— Um rino... repetiu a velha sem poder concluir a palavra.

— ... ceronte, vóvó, um rinoceronte real, de chifre unico na testa e aquella couraça impenetravel no corpo. Está lá perto da Figueira Brava.

Dona Benta olhou para tia Nastacia com ar de quem pede misericordia.

— Um rinoceronte! gemeu a boa senhora com voz moribunda. Era só o que nos faltava, santo Deus! Que irá ser de nós?...

A negra, que nada sabia a respeito de rinocerontes, ofereceu-se para ir espantar aquele com o cabo da vassoura. Mas quando Narizinho lhe mostrou, na Historia Natural, o retrato dum desses paquidermes e lhe explicou que tamanho tinham e que terrivel era o chifre unico que possuem no meio da testa, a pobre criatura pôs-se a tremer da cabeça aos pés.

— E agora, sinhá? E agora, sinhá? murmurava no meio dos Crédos e figa-rabudos e pelo-sinais que não cessava de murmurar e desenhar na cara e no peito.

— Agora? respondeu dona Benta depois de refletir uns instantes. Agora temos que avisar a policia do Rio para que tome providencias, e enquanto isso ninguem tem ordem de saír desta casa. Os naturalistas dizem que o rinoceronte é talvez a féra mais traiçoeira e perigosa da Africa. Se apanha um de nós, ai dele!...

Emilia quis meter a sua colherzinha torta e começou:

— Dona Benta, eu acho que...

Mas foi interrompida.

— Pelo amor de Deus, Emilia, não ache coisa nenhuma. E' por causa dos achados de vocês que vivo aqui neste sitio de susto em susto, com a alma na boca, atacada por onças e agora até com feras africanas perto de casa...

Emilia, desapontada, botou-lhe a lingua logo que a velha voltou as costas.



Capitulo X

O RIO DE JANEIRO E' AVISADO

DONA Benta redigiu um telegrama ao chefe de policia do Rio de Janeiro que dizia assim: "Meus netos acabam de informar-me que o famoso rinoceronte, que a policia anda procurando pelo país inteiro, acha-se escondido nas matas deste meu sitio. Enca-recidamente peço providencias imediatas. Benta de Oliveira".

Cléo, a quem ela ditara o telegrama, observou que era bom mudar a assinatura para: "Dona Benta de Oliveira, avó de Narizinho e Pedrinho e dona do sitio do Picapau Amarelo", pois do contrario o chefe de policia ficaria na mesma. Bentas de Oliveiras ha muitas e "meus sitios" tambem ha muitos.

Dona Benta concordou.

— Façam como quiserem, disse, mas que o telegrama siga quanto antes. Chamem um camarada do compadre Teodoreto para o levar á vila, no galope.

O telegrama foi passado naquele mesmo dia. Na manhã seguinte veio a resposta: "Seguem forças armadas sob comando detective X B2".

Fazia já dois meses que a policia se preocupava seriamente com o caso do rinoceronte fugido, tendo mesmo organizado um serviço especial de investigação para descobrir-lhe o paradeiro. Havia um chefe geral do serviço, que ganhava tres contos por mês, e mais doze auxiliares com um conto e seiscentos. Essa gente perderia o emprego se o animal fosse encontrado, de modo que o telegrama de dona Benta os aborreceu bastante. Em todo o caso, como outros telegramas recebidos de outros pontos do país haviam dado pistas falsas, tinham eles esperança de que o mesmo acontecesse com o de dona Benta. Por isso vieram. Se tivessem a certeza de que o rinoceronte estava mesmo lá, não vê que vinham!

Certa manhã, quando tia Nastacia se levantou de madrugada e foi abrir a porta da rua, deu com o animalão a vinte passos de distancia, olhando para a casa com os seus olhos miúdos. A negra teve um fiquito dos de cair desmaiada no chão. Ouvindo o baque do seu corpo, todos pularam da cama — e foi uma dificuldade faze-la voltar a si. Desmaio de negra velha é dos mais rijos. Por fim acordou e, de olhos esbugalhados, disse, num fiozinho de voz:

— O canhoto já foi embora?

Ninguem sabia do que se tratava, porque ninguem havia ainda olhado para o terreiro.

— Que canhoto? indagou dona Benta.

— O tal de um chifre só na testa, respondeu a negra. Estava aí fóra quando abri a porta...

Só então os meninos espiaram pela janela e viram que o rinoceronte estava de fato no terreiro.

Mas quieto, de cara pacífica, sem mostra nenhuma de animo agressivo. Olhava para a casa com toda a atenção, como se entendesse de arquitetura rural — isto é, de arquitetura de casas de campo. Depois, mansamente, dirigiu-se á porteira e lá deitou-se de atravessado.

— Pronto! exclamou Narizinho. Atravessou-se na porteira e quero ver agora quem entra ou sai. Estamos bloqueados...

A aflicção de dona Benta aumentou. Viu que de fato estavam com a saída do sitio bloqueada por aquele monstruoso animal, que parecia não ter a minima intenção de afastar-se dali.

Nesse momento viram um grupo de homens que se aproximava.

— São eles! gritou Cléo. São os homens da policia secreta que receberam o nosso telegrama. Secretas a gente conhece de longe!...

E eram. Era o famoso grupo dos “Caçadores do Rinoceronte”, que se formara logo em seguida á fuga do misterioso paquiderme e que vinha percorrendo o país inteiro em sua procura. Comandava-os o esper-tissimo detective X B2, que tinha lido todos os fasciculos das Aventuras de Sherlok Holmes que existem nas livrarias. Esses homens traziam consigo numerosas armas e armadilhas proprias para caçar rinocerontes — mundéus desmontaveis, ratoeiras de gigantescas proporções, correntes de aço, um canhão-revolver e uma metralhadora. A unica coisa que não traziam era intenção real de apanhar o monstro.

Assim que chegaram ao pasto do sitio e deram com o enorme paquiderme atravessado na porteira, começaram a discutir se atiravam ou não. Um queria que se empregasse o mundéu desmontavel. Outro queria que se armasse a ratoeira gigante. Por fim o detective X B2 decidiu empregar o canhão-revolver.

— Atirem, disse ele, mas com pontaria que não venha prejudicar os nossos empregos. Disse e piscou. O que todos queriam era passar toda a vida caçando aquele animal.

Mas a Emilia, que tinha terriveis olhos de retroz, viu de longe a piscadela cavorteira e percebeu a manobra.

— Vão atirar e errar! gritou ela muito contente, porque já estava criando amor ao “seu rinoceronte” e não queria que lhe estragassem o couro com um furo de bala; apenas admitia que o caçassem.

Ao ouvir aquilo dona Benta protestou.

— Então não quero! disse. Se esses homens não têm boa pontaria, as balas pódem passar por cima do alvo e virem quebrar-me algum vidro das vidraças. Não, não quero!

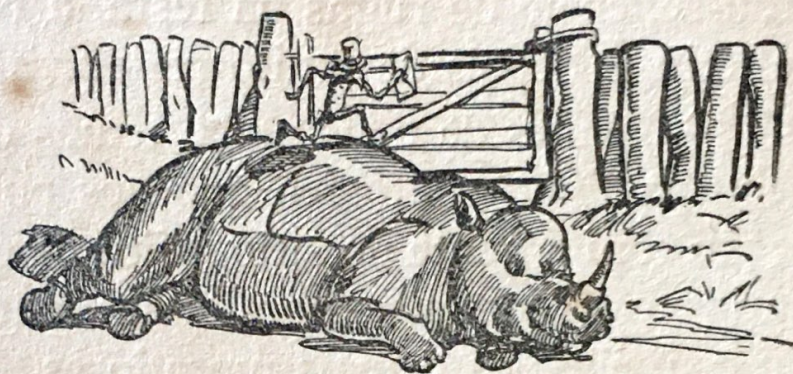
E voltando-se para a Cléo, que tinha muito boa letra e sabia escrever com todos os ff e rr:

— Escreva uma carta ao chefe daqueles caçadores, dizendo que não admito que atirem de lá para cá. O visconde que leve a carta.

Cléo escreveu a carta, sem um erro, e pediu ao visconde que a levasse. Como era pequenininho, o visconde podia passar por trás do rinoceronte sem ser

percebido — e ainda que fosse percebido e devorado não fazia mal, pois que era de sabugo e havendo muitos sabugos no sitio tia Nastacia podia fazer outro visconde no mesmo dia.

O nobre mensageiro nem se deu ao trabalho de passar por trás do monstro. Subiu por cima dele como quem sobe um morro, e desceu do outro lado



sem ser percebido. Depois foi correndo entregar a carta. Chegou no instante exato em que o artilheiro ia disparar o canhão.

— Alto! gritou o detective comandante. Deixem-me primeiro ler esta carta.

Leu a carta, elogiou a boa letra e depois disse aos seus homens:

— A dona da propriedade opõe-se a que rompamos fogo daqui. Diz que as balas perdidas poderão quebrar os vidros das suas vidraças. Acho que ela tem toda a razão.

— Nesse caso, que fazer? perguntou o artilheiro.

— Temos de passar para o lado de lá. Podemos colocar o canhão e a metralhadora na escadinha da varanda. Desse modo, se houver balas perdidas, poderão apenas alcançar algum macaco na floresta, lá longe.

Muito bem. Mas como atravessar para o outro lado com o canhão e a metralhadora, se a unica passagem era pela porteira e o inimigo estava deitado nela de través? O problema tornava-se dos mais sérios. Requeria estudos. O detective X B2 reconcentrou-se, cheio de rugas na testa, a refletir. Refletiu, refletiu e, depois de muito refletir, disse:

— Antes de mais nada, temos de construir uma pequena linha telefonica que nos ponha em comunicação com a gente do sitio, afim de que eu possa discutir o caso com a senhora dona Benta e agir de acordo com ela e os demais moradores. Assim, por meio de cartas, a coisa levará toda a vida. Não ha como o telefone para as comunicações rapidas. Vou telegrafar para o Rio de Janeiro pedindo a remessa do material necessario para a construção da linha.

Resolvido isso, retiraram-se todos para a vila proxima, onde ficaram tocando violão e contando casos pandegos até que o material encomendado che-



gasse. Isso levou um mês. Mas afinal chegou, e o detective deu ordem para que no dia seguinte os trabalhos fossem iniciados.

Na manhã do dia seguinte os moradores do sitio viram reaparecer no pasto os caçadores do governo, seguidos duma turma de ope-

rarios com rolos de arame, postes e mais coisas telefonicas. Nesse dia, porém, o rinoceronte falhou de vir ao terreiro deitar-se de atravessado na porteira, como de costume. O transito estava completamente livre.

— Ué! exclamou o detective comandante, muito admirado. Para onde terá ido o malandro do rinoceronte?

Dirigiu-se á casa para falar com dona Benta.

— Como foi isso, dona Benta? disse ele subindo á varanda. Deixei o rinoceronte deitado na porteira e agora não encontro sinal dele.

Dona Benta explicou tudo quanto sucedera durante as semanas em que eles estiveram tocando violão na vila. O rinoceronte adquirira o habito de passar o dia na Figueira Brava, só vindo deitar-se na porteira ali pelas tres horas da tarde.

— Chega sempre a essa hora, deita-se e fica a cochilar até á noite, explicou a boa senhora. E' um animal bastante sistematico.

— Bem, disse o detective, nesse caso téremos toda a manhã livre para trabalharmos na construção da linha telefonica.

Dona Benta arregalou os olhos.

— Que linha telefonica é essa? perguntou.

— A linha que resolvemos construir para ligar esta casa ao nosso acampamento. Como naquele dia o rinoceronte estivesse atravessado na porteira, impedindo a passagem, e como eu desejasse discutir com a senhora varios assuntos importantes, tive a excelente idéa de construir essa linha, com os fios passando por cima do "obstaculo".

Dona Benta admirou-se da complicação.

— Sim, disse ela, mas já que o senhor pode chegar até cá, creio que a linha telefonica não é mais necessaria.

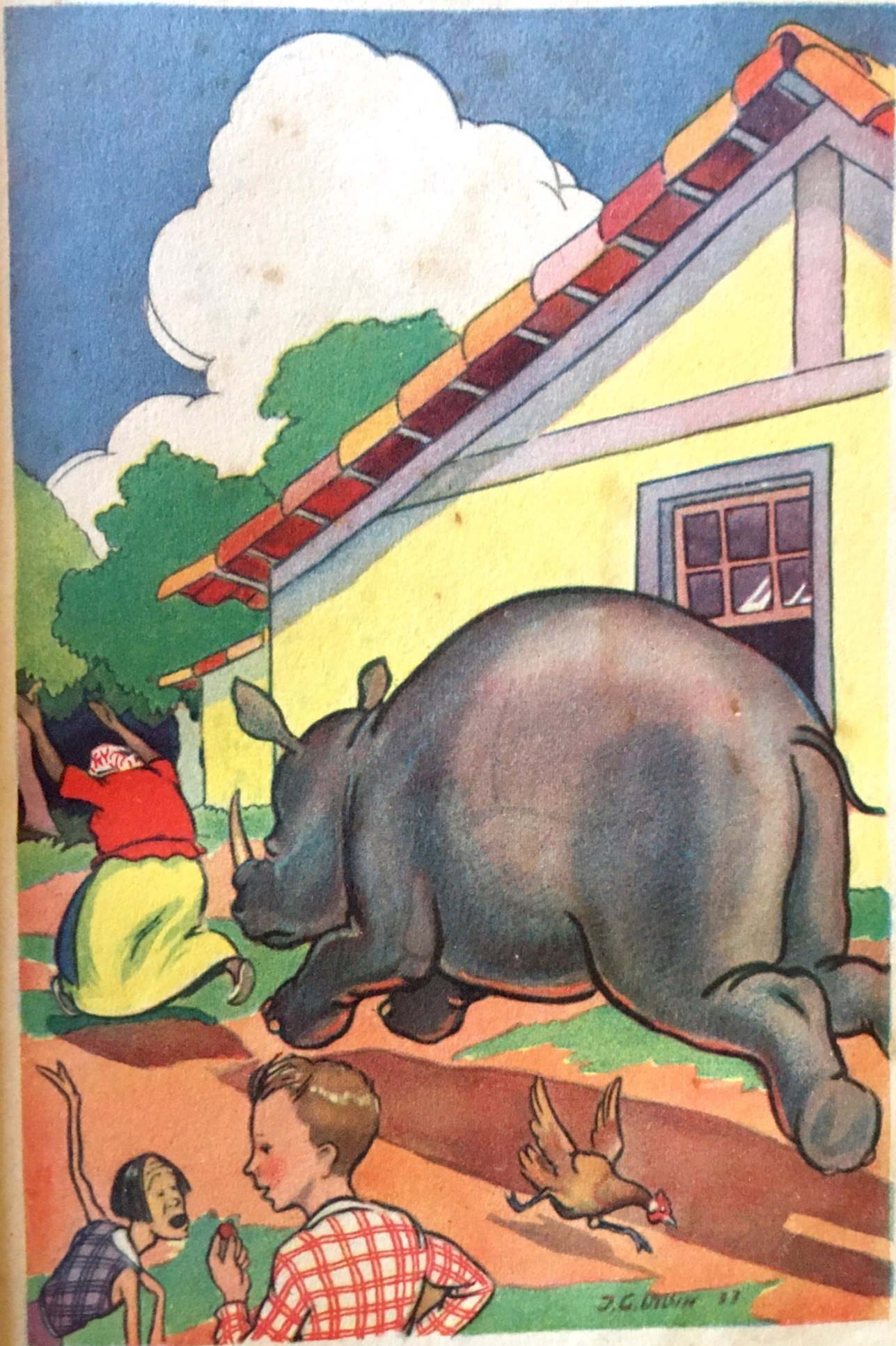
O detective sorriu da ingenuidade da velha, e explicou que o material já havia chegado e que portanto a linha ia ser construida. Terminou piscando o olho vermelho e dizendo: “O governo sabe o que faz, minha senhora”. (1)

— Pois façam lá como entenderem, concluiu dona Benta. Não entendo de governos, nem quero entender. Aqui estamos nós para prestar aos senhores toda a ajuda possivel. O que quero é que me livrem desse animalão quanto antes.

(1) Para custear as despesas do Serviço Federal de Caça ao Rinoceronte, o nosso bom Governo creou um selo novo — o Selo do Rinoceronte. Todas as cartas que a gente punha no correio e todos os recibos e mais documentos que a gente assinava tinha que vir com o Selo do Rinoceronte, ao lado do Selo da Educação e do Selo Santos Dumont. O resultado foi que o povo brasileiro, que já andava com a lingua seca de tanto lamber selos, teve de espremer as glandulas que produzem a saliva e chamar medicos de fóra que viessem estudar os meios de aumentar-lhes a secreção.

Desde essa ocasião começou a aparecer no Brasil uma doença nova — secura de lingua por escassez de saliva. As pessoas ricas ainda se arranjavam, andando acompanhadas de serventes denominados — os Linguas. Eram rapazes cuja unica função consistia em pôrem a lingua de fóra sempre que os patrões tivessem de pregar os inumeros selos que o Governo se divertia em crear — como o Selo Ruy Barbosa, o Selo da Integração Revolucionaria da America do Sul, o Selo João Pessoa e outros.

Por essa época Emilia teve a lembrança de montar uma fabrica para a produção de saliva artificial, que seria vendida em garrações por um preço bastante razoavel. A idéa falhou. O Governo ficou furioso com a boneca por julgar aquilo uma critica ao seu maravilhoso sistema selifero, e votou uma lei carrancuda, declarando que selo pregado com saliva artificial não valia. Foi uma pena...



Capitulo XI

INAUGURA-SE A LINHA

A linha telefonica foi construida com todo o luxo, como é de costume nas obras do governo. Os postes foram até pintados! Era a mais curta linha do mundo: cem metros de comprimento, com dois postes apenas, um no terreiro da casa e outro no acampamento dos caçadores. No dia da inauguração, porém, aconteceu um fato imprevisto: o rinoceronte não veio deitar-se na porteira às horas do costume. Nem apareceu no dia seguinte, nem durante toda a semana. Os caçadores tiveram de armar barracas e ficar ali esperando pacientemente que ele se resolvesse a voltar.

Por que isso? Porque ficava sem geito inaugurar a linha sem rinoceronte atravessado na porteira. Sem rinoceronte poderiam entrar duma vez no terreiro e falar diretamente com a dona da casa. Mas precisavam justificar a construção da linha, e porisso resolveram esperar que o monstro voltasse.

Vendo as coisas assim encrocadas, Emilia resolveu intervir. Foi á Figueira Brava pedir ao rinoceronte que não desapontasse a gente do governo e

que continuasse a ir dormir na porteira. Não se sabe de que argumentos a boneca usou; o que se sabe é que no dia seguinte, exatamente às tres da tarde, o rinoceronte veio de novo, pachorrentamente, deitar-se de atravessado na porteira.



Houve vivas de entusiasmo no acampamento dos caçadores. Podiam afinal inaugurar a linha.

— *Trlin, trlin...* soou na varanda a campainha do aparelho.

— Vá atender, disse dona Benta ao visconde, que estava cochilando ao pé dela.

— Eu atendo, gritou Cléo, tenho muita pratica em falar ao telefone. E numa vozinha muito

clara e espevitada atendeu: “Allô! Quem fala?”

— O detective X B2, chefe do Serviço Federal de Rinocerontes e Hipopotamos. E aí?

— Aqui fala Cléo, por ordem da proprietaria da casa, dona Benta de Oliveira Encerrabodes, avó de Narizinho, Pedrinho e Rabi-có. Que deseja Vossa Rinocerencia?



— Desejo participar á dona da casa que a linha telefonica está concluida e que agora podemos discutir as operações necessarias á caçada do rinoceronte,

tendo o gosto de fazer que as nossas palavras passem bem por cima dele sem que o bruto o perceba, ah! ah!...

— Mas por que não discutiu isso durante a semana passada, em que o rinoceronte esteve ausente e a passagem pela porteira completamente livre? Acho que Vossa Rinoceroncia perdeu um tempo precioso.

— Menina, respondeu o detective-comandante meio ofendido, não se meta no que não é da sua conta. O governo sabe o que faz. Quero falar com a dona da casa.

Cléo tapou com a mão a boca do telefone e voltou-se para dona Benta.

— Ele quer falar com a senhora mesma.

Mas a velha não estava pelos autos. Considerava aquela gente uma sucia de idiotas. Além disso não gostava do governo. Dona Benta era “oposicionista”.

— Diga-lhe que não me amole. Estou muito velha para estar servindo de instrumento a esses piratas.

Cléo deu o recado, com outras palavras para não ofender o governo, e então o detective-comandante explicou que necessitava autorização de dona Benta para construir outra linha...

— Segunda linha telefonica? indagou Cléo admirada.

— Não, menina abelhuda. Agora será uma linha de transporte aéreo, que nos permita levar para aí as nossas armas e bagagens. Só assim poderemos assestar o canhão-revolver e a metralhadora na escadinha da varanda, de modo a abrir fogo de barragem

contra o inimigo, sem dano provavel para os vidros de dona Benta.

— E foi só para pedir tal licença que os senhores levaram tanto tempo construindo esta linha telefonica? perguntou Cléo, admiradissima.

— Não discuta os nossos processos, menina impertinente, disse de cara feia o detective X B2. O governo sabe o que faz, repito.

Cléo tapou de novo a boca do aparelho enquanto consultava dona Benta.

— Ele pede licença para construir uma nova linha, uma linha de cabos aéreos, como aquela do Pão de Assucar...

Dona Benta respondeu que fizessem como entendessem, mas que não a incomodassem mais.

Pedrinho estava assombrado da esperteza daqueles homens. Iam construir uma linha de cabos só para passar para o terreiro um canhãozinho e uma metralhadora!... Muitos rinocerontes já haviam sido caçados desde que o mundo é mundo, mas nenhum seria caçado tão caro e com tanta ciencia como aquele. Apesar de nunca saídos do Brasil, tais homens bem que podiam mudar-se para a Africa, para ensinar aos negros do Uganda como é que se caçam feras...

Tanto tempo levou a construção da linha de cabos aéreos, que o rinoceronte foi-se familiarizando não só com as pessoas do sitio, como ainda com o pelotão de caçadores. Varias vezes chegou até ao acampamento, onde farejava com curiosidade o canhão-revolver e a metralhadora, sem saber para que ser-

viam. Numa dessas vezes ajudou os construtores da linha a arrancar um poste que fôra fincado torto, trabalhando tal qual um elefante manso da Índia.

Emilia tornara-se amiga íntima do animalão. Ia sempre á Figueira Brava ve-lo pastar arbustos, e com ele entretinha-se horas, a ouvir casos da vida africana. Era um rinoceronte de boa paz, já velho, com a ferocidade nativa quebrada por longos anos de cativo no circo. Só queria uma coisa: sossego. Porisso fugira do circo e viera esconder-se ali, no silencio do capoeirão dos taquarussús.

— Eles querem matar você, disse-lhe Emilia certa manhã. Trouxeram para isso um canhão-revolver e uma metralhadora.

O rinoceronte arrepiou-se todo. Jamais supusera que a atividade daqueles homens, e toda a trapaalhada das linhas que andavam assentando, tivessem por fim dar cabo da sua vida.

— Mas por que? indagou em tom magoado. Que mal fiz eu a essa gente?

— Nenhum, mas você é o que os homens chamam “caça” — e o que é caça deve ser caçado. Quando os homens encontram no seu caminho uma lebre, uma preázinha, um inambú, um pato selvagem ou o que seja, ficam assanhadíssimos para mata-lo — só por isso, porque é caça. Mas você não tenha medo que não será caçado. Hei de dar um geito nisso.

— Que geito?

— Não sei ainda. Vou ver. Mas não se incomode. Sou geitosíssima! Dou um geito de afugentar os homens e você ficará morando toda a vida neste sitio.

Já temos um quadrupede em nosso bandinho, o mar-
quês de Rabicó, que é leitão, conhece?

— Não tenho a honra.

— Pois é um senhor muito importante, apesar da
sua covardia e gulodice (Emilia não teve a coragem
de contar que Rabicó era seu marido). Tem quatro
pés, como você, mas nem um tiquinho de chifre. Com
mais um companheiro, e este de formidável chifre na
testa, havemos de pintar o sete pelo mundo...

Emilia estava radiante com a idéia de ver o rino-
ceronte incorporado á familia de dona Benta. Tia
Nastacia é que ia ficar tonta de susto...

— E que tenho de fazer nesse bando? perguntou
o rinoceronte comovido com o oferecimento.

— Nada, por enquanto. Mais tarde, veremos.
O pelotão dos caçadores já está com a linha aérea
pronta. Breve farão o transporte do canhão-revolver,
da metralhadora e do resto. Vão assentar essas armas
na escadinha da varanda.

— Então devo continuar a deitar-me na por-
teira, não é?

— Está claro. Para que eles possam utilizar-se
da linha de cabos aéreos é indispensável que você este-
ja atravessado na porteira

O rinoceronte não entendeu aquilo.

— Mas por que já não transportaram esse tal
canhão, rodando-o, no tempo em que passei sem vir
deitar-me á porteira?

— Não sei, respondeu Emilia que de fato não sa-
bia. Dona Benta também não sabe, nem Cléo, que foi
quem conversou com o detective-comandante pelo tele-

fone, nem Narizinho, nem Pedrinho, nem o visconde, nem Rabicó — ninguém sabe. Diz Cléo que são coisas do governo, um misterio.

O rinoceronte ficou pensativo. Devia ser uma bem estranha criatura esse tal governo, que fazia coisas acima do entendimento até da Emilia!

Às tres da tarde apareceu o animalão no terreiro, indo deitar-se no seu lugarzinho do costume. Grande alegria entre os caçadores. Podiam afinal fazer o transporte das armas e bagagens, e tambem de si proprios utilizando-se da linha de cabos aéreos, e em seguida dar começo ao ataque á féra. Um entusiasmo-dissimo telegrama foi passado para o Rio, nestes termos: “Trabalhos linha aérea brilhantemente concluidos ponto iniciaremos hoje transporte armas e bagagens ponto vitoria segura ponto saude e fraternidade”.

Os jornais publicaram a noticia com grandes elogios aos heroicos caçadores de rinocerontes que tão bravamente arrostavam os maiores perigos afim de limpar o solo da patria daquele perigosissimo animal. O detective X B2 foi chamado “imperterrito”, lindo adjetivo que a imprensa só usa para homens como o Marechal Floriano e outros do mesmo calibre. O chefe de policia respondeu ao telegrama dando parabens aos herois e elogiando-lhes a esperteza e bravura.

Às tres da tarde, logo que o rinoceronte se atravessou na porteira, a linha de cabos foi posta a funcionar. Primeiro passou, pendurado em carretilhas, o canhão-revolver. Depois, a metralhadora. Depois passaram as munições, a bagagem, as violas e por fim os caçadores.

Dona Benta viu com má cara toda aquela gente encher o terreiro. Já andava enjoada deles, e quando tia Nastacia falou em lhes oferecer um café com bolinhos, não consentiu.

— Nada de comedorias, disse ela, do contrario esses herois nunca mais abandonam o sitio.

Dona Benta era oposicionista de familia. Seu pai fôra oposicionista e seu avô materno tambem.

Enquanto os homens descansavam, um tanto desapontados de não aparecer o café com bolinhos, Emilia foi secretamente á caixa das munições, onde trocou a polvora das balas por farinha de mandioca. Em seguida mandou pelo visconde um recado muito comprido ao rinoceronte, o qual terminava assim: "... e quando eu der um assobio, você levanta-se e dá uma investida de rinoceronte bravo contra esses homens".

— E se o rinoceronte errar e investir tambem contra algum de nós? objetou com muita sabedoria o visconde.

Emilia refletiu um bocado. Depois:

— Diga-lhe que só chifre os que não tiverem uma rodela de casca de laranja no peito.

Enquanto o visconde dava o recado, foi Emilia ao pomar com uma faca e trouxe meia duzia de rodelas de casca de laranja, que colocou no peito de cada morador da casa sem perder tempo



em explicar para o que era. Só tia Nastacia insistiu em saber as razões.

— Não quer? disse Emilia aborrecida. Sua alma sua palma. Depois não se queixe — e deixou-a sem rodela no peito.

Nisto souu a voz do detective X B2, dirigida aos seus homens:

— Tudo pronto?

— Tudo pronto! responderam os perguntados.

— Então, fogo!

— Párem! Párem! Não ainda! berrou tia Nastacia lá de dentro. Estou procurando algodão para botar nos meus ouvidos e nos de dona Benta. Onde já



se viu dar tiro de peça na escadinha da varanda sem a gente estar com um bom chumaço nos ouvidos? Crédo!

Os artilheiros esperaram que os ouvidos das duas velhas ficassem perfeitamente enchumaçados. Depois,

ouvindo de novo a ordem de “Fogo!”, fecharam os olhos e bateram na espoleta.

A decepção foi completa. Em vez dum terrível — *Bum!* — que atroasse os ares, o que saiu foi pirão de farinha. O grande tiro falhara da maneira mais vergonhosa... Nesse momento Emilia, imitando Pedrinho, meteu dois dedos na boca e tirou um assobio agudissimo.

O rinoceronte ouviu. Ergueu-se de cara feia e veio, que nem uma avalanche de carne, contra os seus perseguidores.

Soou um berro de panico, misturado com a ordem do detective-comandante de “salve-se quem puder”. Todos puderam, porque todos se salvaram, como veados, pelos fundos do quintal, imperterritamente.



Naquela velocidade, em menos de uma hora estariam no Rio de Janeiro.

O rinoceronte não encontrou, ao alcançar a esca-

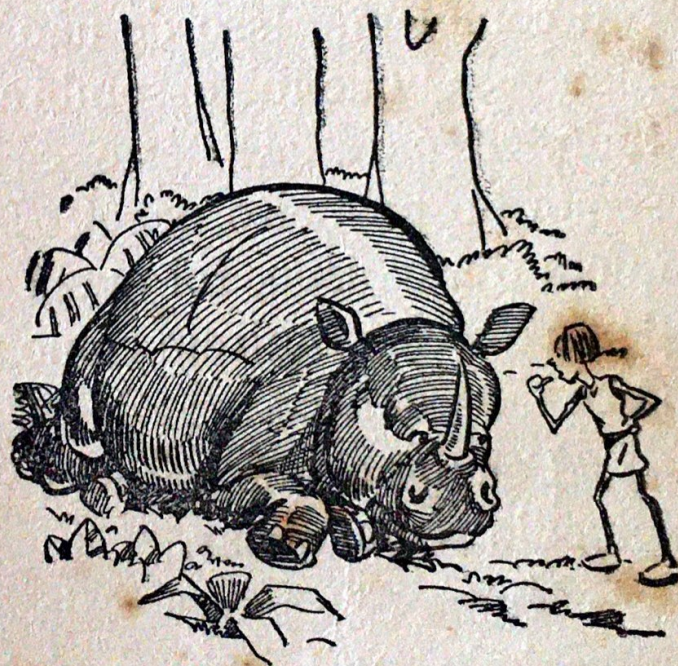
dinha, um só inimigo, isto é, uma só pessoa sem rodela de casca de laranja no peito. Minto. Encontrou uma — tia Nastacia, e ao ve-la sem marca pensou que ela fosse cozinheira da gente do governo. Abaixou a cabeça e investiu. A pobre preta mal teve tempo de trancar-se na dispensa, onde fez, no escuro, mais pelosinais do que em todo o resto da sua vida.

— Toma! gritou a diabinha da Emilia. Quer ser muito sabida? Pois toma...

Capitulo XII

RINOCERONTE FAMILIAR

A vida no sitio mudou muito depois da entrada do rinoceronte para o bando. No começo Narizinho e Pedrinho não podiam esconder certo medo. Quanto a dona Benta e tia Nastacia, isso nem é bom falar. Tremiam de pavor sempre que á tarde, conforme seu costume, o paquiderme vinha da Figueira Brava postar-se no terreiro para longas prosas com a Emilia. Nem espiar pela janela espiavam, as coitadas. Mas os meninos espiavam. Regalavam-se de espiar.



O rinoceronte vinha e dava um bufo. Emilia e o visconde largavam incontinenti do que estivessem fazendo e iam na corrida ao encontro dele, para ouvir historias da Africa. Depois se punham a brincar os

tres, de esconde-esconde, de chicote queimado, de pegador. Emilia tambem descobrira geito de montar a cavalo no chifre e passear pelo terreiro. O visconde puxava o monstruoso paquiderme por uma cordinha atada á orelha.

— Que danada esta Emilia! dizia Narizinho lá da sua janela, com uma inveja louca de fazer o mesmo. Não tem medo de coisa nenhuma. . .

— Grande milagre! murmurava Pedrinho com uma ponta de inveja. Se eu fosse de pano, como ela, até em tres rinocerontes montava ao mesmo tempo.

— Não sei, não sei, Pedrinho, observava a Cléo fazendo cara de duvida. Emilia é mesmo uma exceção completa. Isso de não ter medo me parece o de menos. O que me assombra é o geito que tem para tudo. Repare que neste caso do rinoceronte fez ela sempre o primeiro papel. Foi quem o descobriu, foi quem o amansou, foi quem passou a perna nos caçadores e os fez fugirem como veados. Ora, isto é muito para uma boneca, não acha?

Pedrinho, que estava namorando a Cléo, não teve remedio senão achar.

Numa dessas vezes tia Nastacia criou coragem e entreabriu muito devagarinho a janela. Espiou pela fresta e:

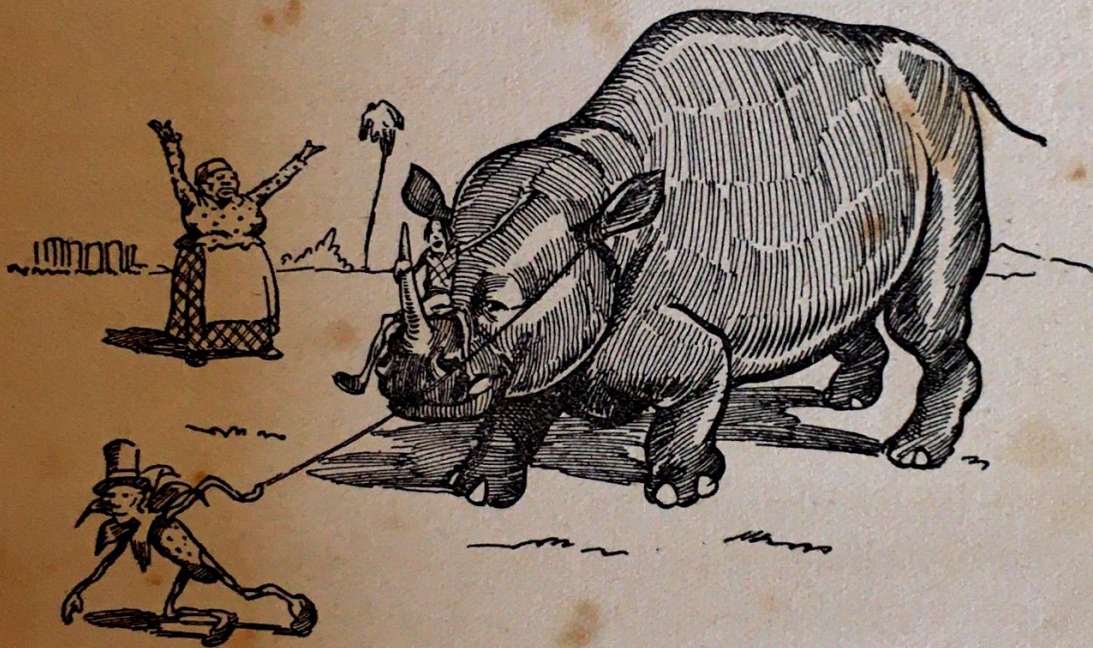
— Nossa Senhora da Aparecida! exclamou com os olhos pulando da cara. Venha ver, sinhá! A Emilia a cavalo no tal boi de um chifre só e o visconde puxando ele por uma cordinha, como se fosse a coisa mais natural do mundo! Crédo! . . .

Dona Benta espiou e também assombrou-se.

— Realmente, disse ela. Para mim a Emilia é alguma fadinha que anda pelo mundo disfarçada em boneca de pano. Passear a cavalo num rinoceronte! Vá a gente contar isso lá fóra — ninguém acredita, nem pôde acreditar...

— E o visconde, sinhá, repare o geitinho dele, puxando o boi...

— Não é boi, Nastacia, é ri-no-ce-ron-te, emendou dona Benta.



— Para mim é boi, insistiu a negra. Não sei dizer esse nome tão comprido. Sáí atrapalhado. Narizinho já quis me ensinar, mas qual! Estou velha demais para decorar palavras estrangeiras. Mas repare o visconde, sinhá. Puxa o boi da Africa como se estivesse puxando um bozinho de xúxú, daqueles que são Pedrinho costuma fazer...

E as duas ficavam de boca entreaberta, admirando aqueles assombros.

Um dia Narizinho gritou da sua janela:

— Emilia, estou com vontade de perder o medo e montar nele também. Que acha?

— Pois venha, boba! Não ha bicho mais manso que este. A Historia Natural de dona Benta está errada. Não vê que faço dele gato e sapato?

— Sim, mas você é de pano e eu não. Sou de carne...

— Por dentro; por fóra é de pano como eu — os vestidos. Faça de conta que é de pano inteirinha e venha. Ele tem reparado muito a sua ausencia, está até sentido. Venha, e diga a Pedrinho e Cléo que venham também

Narizinho, Pedrinho e Cléo entreolharam-se com uma vontade louca de aceitar o convite.

— Vamos? disse Narizinho já meio decidida.

— Vamos! responderam os outros corajosamente.

Minutos depois estavam os tres repimpados no lombo do rinoceronte.

— Falta Rabicó! berrou a Emilia. E pôs-se a chamar: Rabicó! Rabicó! Não seja bobo, venha, também!...

Mas Rabicó estava a duzentos metros dali, no pasto, espiando a cena por detrás dum cupim. Não vê que ia!

As brincadeiras com o rinoceronte repetiam-se diariamente, por horas. Além das passeatas, inventaram novas coisas, como, por exemplo, faze-lo puxar

o carrinho de cabrito, com um passageiro de cada vez, porque não cabiam dois. Ora ia Narizinho, ora o menino, ora a Cléo. Emilia nunca deixava o seu posto, no chifirão do monstro. Aquele lugar era dela só.

Um dia tia Nastacia não resistiu. Foi para o terreiro ver de perto a brincadeira. Quando voltou o rosto, viu dona Benta que vinha vindo. Dona Benta também não resistira.

Os meninos fizeram-lhes uma grande festa.

— Ora graças que se estão civilizando! berrou Narizinho. Viva vóvó! Viva tia Nastacia!

Nisto Cléo, que estava dentro do carrinho, pulou fóra e disse:



— Chegou sua vez, dona Benta. Suba!

Era um despropósito aquilo, coisa para desmoralizar a boa velha para o resto da vida. Apesar disso a tentação foi forte e, como Cléo a ia empurrando, dona Benta de subito decidiu-se. Ajuntou a sáia e, sem olhar para tia Nastacia (de vergonha), subiu ao carrinho.

— Viva! Viva vóvó! berraram do alto do paquiderme os meninos. Tóca, Emilia! Puxa, visconde!

Emilia tocou o rinoceronte com o seu chicotinho e o visconde o puxou quatro vezes até á porteira, ida e volta. Se houvesse por ali um aparelho de cinema podia ser tirada a melhor fita do mundo...

Nesse ponto da brincadeira, porém, aconteceu uma atrapalhação. Dois homens a cavalo surgiram na estrada. Mais que depressa dona Benta pulou fóra do carrinho e correu para a varanda.

Os homens pararam na porteira e pediram licença para entrar. Entraram. Apearam-se. Dirigiram-se para a varanda.

— Desejamos falar com a dona da casa, disseram.

Dona Benta adeantou-se.

— Sou eu a dona da casa. Que é que Vossas Senhorias desejam?

Um dos homens era alemão. O outro, brasileiro. Foi este quem falou.

— Minha senhora, disse ele, quero apresentar a Vossa Excelencia o senhor Fritz Muller, proprietario do circo de cavalinhos que está no Rio de Janeiro. O senhor Muller é dono dum rinoceronte que de lá fugiu faz uns meses. Depois de longas pesquisas descobriu que o animal estava escondido aqui e veiu comigo reclama-lo. Sou o seu advogado.

O rinoceronte reconheceu o senhor Muller e pendurou o focinho, muito triste, já sem vontade de brincar.

— Que é que ha? perguntou-lhe a boneca ao ouvido.

— Aquele homem louro é o meu dono, respondeu o paquiderme, e veio buscar-me. Estou triste porque gosto muito mais daqui do que do circo. . .

Emilia abespinhou-se toda, lançando um olhar terrível para os dois intrusos. Refletiu uns instantes e depois disse:

— Não se aborreça. Darei um geito desses piratas saírem ventando ainda mais depressa que os caçadores. Disse e desceu, dirigindo-se para a varanda, onde ficou atrás duma das colunas, escutando a conversa dos homens com a velha.

— Pois não haja duvida, dizia dona Benta. Se

o animal é seu; póde leva-lo, apesar de que está muito acostumado aqui e não nos incomoda em nada.

— Muito bem, disse o alemão. Vou leva-lo já.

Ao ouvir aquilo Emilia não se conteve. Saiu detrás da coluna, plantou-

se deante do homem, de mãozinhas na cintura e disse:



— A coisa não vái assim, meu caro senhor. Não basta ir dizendo que o rinoceronte é seu. Tem que provar que é seu, sabe?

O alemão ficou espantadissimo daquele prodigio: uma bonequinha falando, e falando daquele geito, com tal arrogancia.

— Quem é esta... senhórra? perguntou ele a dona Benta.

— Pois é a Emilia, marquesa de Rabicó, nunca ouvir falar dela? Foi quem descobriu o rinoceronte no capoeirão dos taquarussús. Depois o vendeu a Pedrinho. Depois o amansou e agora passa o dia a brincar com ele.

O alemão estava cada vez mais assombrado. Ape-



sar de ser homem vivido, e de ter andado o mundo inteiro com o seu circo, jamais observara fenomeno igual: uma bonequinha tão pernostica. Quís continuar a falar e não pode. Estava engasgado. Quem falou dali por deante foi o seu advogado.

— Sim, sim, minha senhorinha, disse este, o rinoceronte pertence aqui ao meu amigo Muller, que o vem reclamar. Vejo que tanto a senhorinha como os outros meninos já estão acostumados com o

paquiderme. Infelizmente somos obrigados a leva-lo para o circo.

Emilia empertigou-se mais ainda.

— Vamos por partes, disse ela. Antes de mais nada, quero que o senhor doutor me prove que ali o senhor Muller é mesmo o dono deste rinoceronte. Exijo provas, sabe? Eu não uso anel de advogado no dedo, mas sei que em direito o que vale são as provas.

Foi a vez do advogado abrir a boca, de espanto. A tal bonequinha sabia discutir como um perfeito rabula. Queria provas! Ele teria de dar provas! Disse então:

— Toda a gente deste país sabe que o rinoceronte pertence ao senhor Muller. Os jornais deram mil noticias a respeito da sua fuga e da busca que os homens do detective X B2 andaram fazendo pelo Brasil inteiro. E' um fato de dominio publico.

— Perfeitamente, replicou Emilia. Não négo que esse "cara-de-cavalo-melado"...

— Emilia! repreendeu dona Benta. Mais modos, hein?...

— ... seja dono dum rinoceronte. Mas quero, exijo, mando, ordeno que me prove que o rinoceronte dele é este, está entendendo?

O advogado deu uma risadinha amarela.

— Muito facil provar, disse ele. No Brasil não ha rinocerontes. O senhor Muller foi o primeiro homem que trouxe um para cá. Esse um fugiu. Em seguida aparece este rinoceronte por aqui. Logo, o presente rinoceronte é o mesmo rinoceronte do senhor Muller.

— Isso nunca foi prova, nem aqui nem na casa

do Diabo! contestou Emilia. Quero prova de verdade. Alguma marca, algum sinal de nascença...

— A marca é aquele chifre unico que ele tem na testa, disse o advogado piscando o olho, como se Emilia não soubesse que todos os rinocerontes daquela especie possuem sempre um chifre só.

Emilia não respondeu. Achou um grande desaforo querer aquele idiota faze-la de boba. Em vez de responder disse apenas:

— Espere aí.

O advogado esperou, com um sorriso nos labios, certo de que a havia vencido na argumentação. Enquanto esperava, ia trocando olhares velhacos com o senhor Muller.

Emilia foi mexer nos guardados de Pedrinho e trouxe uma pitada de pó de pirlimpimpim num pires.

— Vamos resolver esta questão dum outro modo, disse ela ao voltar. Tenho aqui este tabaco, que vou dividir em duas porções. O senhor toma uma pitada e ali o "cara-melada"...

— Emilia!... repreendeu de novo dona Benta.

— ... toma outra. Se não espirrarem, é que o rinoceronte é o mesmo que andam procurando.

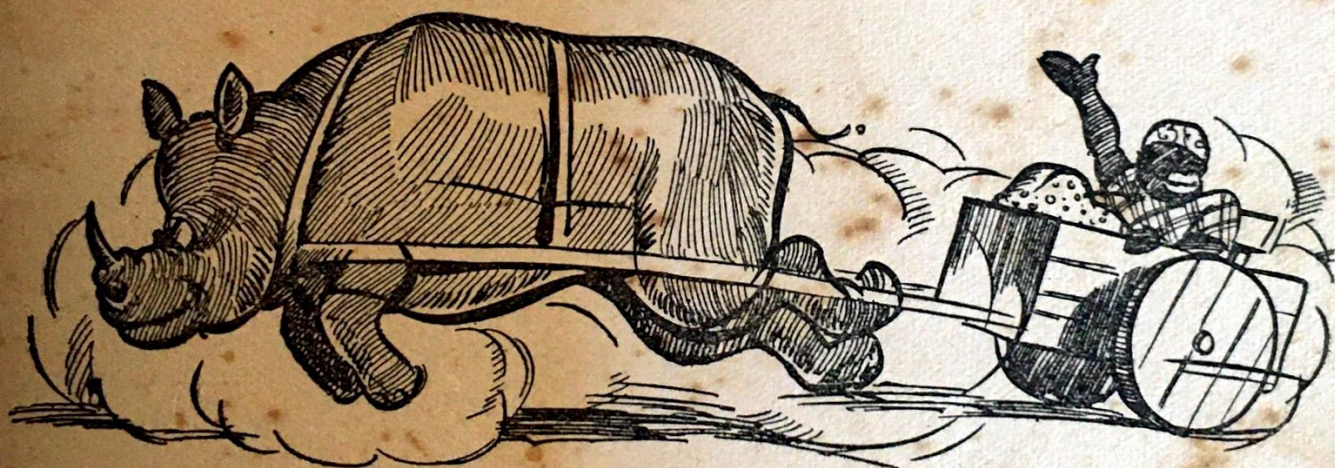
O advogado e o alemão acharam muita graça naquilo e, sem desconfiança de coisa nenhuma, tomaram a pitada de pirlimpimpim, certos de que não espirriariam. Era dóse pequena demais para fazer espirrar dois homões como eles, acostumados ao fumo forte. Tomaram a pitada, sorridentes, e... *fiunnnn!*

— ninguem nunca soube onde foram parar! Sumiram-se...

A vitoria da Emilia foi saudada com gritos e palmas. Até o rinoceronte aplaudiu com urros, contentissimo do feliz desfecho do incidente.

Dona Benta deu um suspiro de alivio e voltou ao terreiro. Queria continuar o seu passeio no carrinho. Mas não pode. Tia Nastacia já estava escarrapachada dentro dele.

— Tenha paciencia, disse ela. Agora chegou minha vez. Negro tambem é gente, Sinhá!...



— FIM —